



Dossier de imprensa — Março de 2017

ENCICLOPÉDIA
DOS
MIGRANTES

ESCREVER UMA HISTÓRIA ÍNTIMA DAS MIGRAÇÕES
ENTRE A FINISTERRA BRETÃ E GIBRALTAR

Fig. 4.

CONTACTOS DE IMPRENSA

FRANÇA / IMPRENSA NACIONAL

Antoine Chaudet — L'âge de la tortue

10 bis square de Nimègue, 35200 Rennes
M communication@agedelatortue.org
T +33 668 088 369
W www.agedelatortue.org

BREST

Armelle Kermogant — ABAAFE (Association brestoise pour l'alphabétisation et l'apprentissage du français pour les étrangers)

7 rue Watteau, 29222 Brest Cedex 2
M armelle.kermogant@abaafe.com
T +33 298 425 141
W www.abaafe.com

RENNES

Antoine Chaudet — L'âge de la tortue

10 bis square de Nimègue, 35200 Rennes
M communication@agedelatortue.org
T +33 668 088 369
W www.agedelatortue.org

NANTES

Bernard Vrignon — MCM (Maison des Citoyens du Monde)

8 rue Lekain 44000 Nantes
M bernard.vrignon@free.fr
T +33 681 972 170
W www.mcm44.org

ESPAÑA / IMPRENSA NACIONAL

David Dueñas — Universitat Rovira i Virgili (SBR-lab)

Carrer de l'Escorxador, 43003 Tarragone
M david.duenas@urv.cat
T +34 655 620 625

GIJÓN

Tamara Ortega — Tragacanto

Avenida del Llano 29, 5A, 33209 Gijón
M t.ortega.nieto@gmail.com
T +34 659 84 19 97

CÁDIS

Cristina Servan — APDHA (Asociación Pro Derechos Humanos de Andalucía)

C/ Barbate nº 62 triplicado 1º C., 11012 Cadix
M viva_cristina@hotmail.com
T +34 954 53 62 70
W www.apdha.org/cadiz

PORTUGAL

PORTO

Nídia Azevedo — ASI (Associação de Solidariedade Internacional)

Rua Aníbal Cunha, 39 2º andar sala 3, 4050-046 Porto
M nidia.azevedo@sapo.pt
T +351 222 011 927
W www.asi.pt

LISBOA

Filipa Bolotinha — Renovar a Mouraria

Mouradia-Casa comunitaria da Mouraria, Beco do Rosendo n º8-10, 1100-460 Lisbonne
M filipa.bolotinha@gmail.com
T +351 935 036 681
W www.renovaramouraria.pt

GIBRALTAR

Jennifer Ballantine Perera — Institute for Gibraltar and Mediterranean Studies (University of Gibraltar) — **Gibraltar Garrison Library**

2, Library Ramp, Gibraltar GX11 1AA, Gibraltar
M j.ballantine@gibraltargarrisonlibrary.gi
T +350 200 77418

COMUNICADO DE IMPRENSA DE 27 DE JANEIRO DE 2017

LANÇAMENTO DA ENCICLOPÉDIA DOS MIGRANTES

Passados três anos de encontros, recolhas, pesquisas e criação, a *Enciclopédia dos Migrantes* está pronta a sair. As cidades de Brest, Rennes, Nantes, Gijón, Porto, Lisboa, Cádiz e Gibraltar receberão oficialmente o seu exemplar das mãos da equipa do projeto, a partir de 4 de março de 2017.

A Enciclopédia dos Migrantes é um projeto artístico que tem a forma de uma enciclopédia que reúne 400 testemunhos de pessoas migrantes. Foi criada e iniciada pela diretora e autora de projetos interdisciplinares Paloma Fernández Sobrino. A coordenação geral é garantida pela associação L'âge de la tortue.

Tudo começou em 2007, quando a artista Paloma Fernández Sobrino, convidada pela L'âge de la tortue para participar no projeto Correspondances citoyennes, escolheu abordar o tema das migrações através do prisma mais íntimo. Após esta iniciativa, a artista continuou o trabalho de recolha de cartas-testemunhos de pessoas migrantes no bairro de Blosne, em Rennes, o que deu origem a duas publicações¹. Nasceu uma dinâmica deste trabalho, à escala do bairro e da cidade, criando uma rede de potenciais testemunhas, de tal forma que Paloma Fernández Sobrino propôs à equipa da L'âge de la tortue, em 2014, desenvolver a abordagem existente e produzir um objeto emblemático: uma enciclopédia.

A Enciclopédia dos Migrantes apropria-se da forma da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert (um livro monumental, em vários volumes com encadernação em pele), na ótica de divulgar um saber proveniente de

experiências de vida, com toda a subjetividade que isso envolve. Quatrocentos testemunhos tornam-se a fonte de um saber novo, baseado no íntimo e no individual. Este gesto de desvio da Enciclopédia das Luzes, símbolo personificado dos saberes considerados legítimos, ousa dar voz aos primeiros a ser afetados: as próprias pessoas migrantes.

As testemunhas expressam-se através de uma carta manuscrita íntima, dirigida a uma pessoa próxima que permaneceu no país e redigida na sua língua materna. Cada carta é acompanhada pela sua tradução numa das 4 línguas de publicação do projeto – francês, espanhol, português e inglês – e uma fotografia.

Fruto de uma iniciativa pessoal, artística e sensível, o projeto convenceu e envolveu uma pequena equipa de três pessoas, que a transportou à escala de um bairro, depois a um nível nacional e, por fim, europeu, envolvendo, finalmente, mais de 700 pessoas – artistas, militantes associativos, investigadores de ciências humanas e sociais, estudantes de grafismo, cidadãos, responsáveis públicos pelas decisões... – na sua aventura.

Objeto de grande dimensão – devido ao seu peso (quase 3 kg para cada um dos 3 volumes!) e pelo número de testemunhos–, a Enciclopédia dos Migrantes é uma obra inclassificável, editada em apenas 8 exemplares, que é entregue às cidades parceiras sob esta forma imponente, deixando a estas a responsabilidade de cuidá-la, de fazê-la viver e divulgá-la.

As entregas oficiais terão lugar nas 8 cidades europeias entre 4 de março (em Rennes) e 28 de junho de 2017 (em Gibraltar).

A Enciclopédia dos Migrantes estabelece-se também na sua época e a sua versão digital estará acessível on-line gratuitamente a partir de 4 de março, possibilitando, uma ampla divulgação pública: www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/digital

¹Paloma Fernández-Sobrino, P. & Cousseau, B. (2008). (Partir...). Rennes, França: L'âge de la tortue.

Paloma Fernández-Sobrino, P., Eidenhammer, A., Sauvage, A. & Pallarès, M. S. (2011). Partir – esguards...miradas...regards. Rennes, França: L'âge de la tortue.

ÍNDICE

Contactos de imprensa	2
Comunicado de imprensa de 27 de janeiro de 2017	3
Entregas oficiais nas oito cidades	6
O projeto	8
Recursos e produções	11
A <i>Enciclopédia dos Migrantes</i> em números	12
A <i>Enciclopédia dos Migrantes</i> em datas	14
Biografia de Paloma Fernández Sobrino	15
Apresentação da associação Lâge de la tortue	16
Extratos: 10 testemunhos	17
Extratos: 16 retratos fotográficos	59
A equipa do projecto	76
Parceiros	79

ENTREGAS OFICIAIS NAS OITO CIDADES

As oito cidades que apoiam o projeto da *Enciclopédia dos Migrantes* comprometeram-se, desde 2015, a adquirir um exemplar da versão em papel; isso constituía a condição *sine qua non* para a sua participação. Os parceiros - associações, municípios, instituições -, ficaram responsáveis por apresentar a Enciclopédia publicamente a nível local, mas também por divulgá-la, desenvolvendo uma dinâmica a longo prazo, através da organização de exposições, leituras, debates, projetos relacionados e quaisquer iniciativas que desejem implementar ou acompanhar. As entregas oficiais estão programadas para 2017, entre 4 de março, em Rennes, e 28 de junho, em Gibraltar.

FRANÇA

— RENNES —

Entrega oficial: 4 de março de 2017 — 11h30

Local: Le Triangle, cité de la danse, boulevard de Yougoslavie, 35000 Rennes

Maratona de leitura: de 4 de março — 18 h a 5 de março de 2017 — 18 h

Local: Hôtel Pasteur, 2 place Pasteur, 35000 Rennes

A entrega oficial foi organizada para sábado, 4 de março, às 11h30, no Centro Cultural Le Triangle. Durante esta cerimónia pública, aberta a todos, a equipa do projeto (composta, entre outros, por artistas, pessoas migrantes, militantes associativos e investigadores em ciências humanas e sociais) entregará um exemplar a Nathalie Appéré, presidente da Câmara de Rennes. Este exemplar da *Enciclopédia* irá juntar-se, em seguida, à biblioteca de Champs Libres, onde será guardada e, assim, acessível ao público.

Depois, será organizada uma maratona de leitura no Hotel Pasteur de sábado, 4 de março (18 h) a domingo, 5 de março de 2017 (18 h). Esta ação tem como objetivo propor uma leitura completa dos 400 testemunhos, continuamente, por um grupo de cerca de cem leitores voluntários. O Hotel Pasteur estará acessível ao público durante 24 horas. Evento gratuito, aberto a todos.

— BREST —

Entrega oficial: 16 de março de 2017 — 18h

Local: Mediateca François-Mitterrand — Les Capucins — Ateliers des Capucins, 25 rue de Pontaniou, 29200 Brest

A entrega oficial da *Enciclopédia dos Migrantes* será antecedida pelo discurso de François Cuillandre, presidente da Câmara de Brest, e de Paloma Fernández Sobrino, criadora e diretora artística do projeto *Enciclopédia dos Migrantes* coordenado pela L'âge de la tortue. Está em fase de elaboração um programa de animação cultural, tanto para o local de Capucins, como para toda a cidade de Brest.

— NANTES —

Entrega oficial: 6 de abril de 2017

Local: Câmara Municipal, rue de la Commune, 44000 Nantes

A cidade de Nantes receberá o seu exemplar da *Enciclopédia dos Migrantes* na presença dos autores e parceiros do projeto. A entrega oficial da obra será seguida de uma leitura de uma seleção de cartas pelos próprios autores. O encontro terminará com um momento festivo.

ESPAÑHA

— GIJÓN —

Entrega oficial: 8 de maio de 2017
Local: Câmara Municipal, Plaza Mayor 1, 33201 Gijón

A apresentação oficial dos três volumes da *Enciclopédia dos Migrantes* às autoridades municipais e aos meios de comunicação social antecederá uma recepção na presença de pessoas migrantes que apresentaram um testemunho na enciclopédia e leitura de uma seleção de cartas. Esta apresentação pública será seguida de eventos culturais no âmbito da European Week de Gijón até 12 de maio, incluindo workshops de fotografia com Laura Rodríguez e Lluc Queralt, dois fotógrafos envolvidos no projeto, no Museu de Barjola de Gijón (a 9 e 10 de maio de 2017), bem como a cerimónia de entrega da *Enciclopédia* ao Museu do Povo das Astúrias (a 12 de maio de 2017), que ficará responsável pela sua manutenção e divulgação.

— CÁDIS —

Entrega oficial: 20 de março de 2017
Local: Câmara Municipal de Cádiz, Plaza de San Juan de Dios S/N, 11005 Cádiz

Por ocasião do Dia Internacional contra a Discriminação Racial, a *Enciclopédia* será apresentada aos cidadãos, às organizações sociais, aos intervenientes culturais e institucionais durante um evento público. Com a participação do presidente da Câmara de Cádiz e de representantes de pessoas migrantes da cidade que contribuíram para o projeto ao darem o seu testemunho, bem como da Asociación Pro Derechos Humanos de Andalucía (APDHA), que agiu como coordenador local. Esta apresentação será seguida da leitura de uma seleção de cartas da *Enciclopédia* e de uma homenagem à contribuição da comunidade das pessoas migrantes na cidade de Cádiz. No primeiro ano, a *Enciclopédia* será conservada na ECCO e depois será entregue, de forma permanente, à Biblioteca Municipal José Celestino Mutis.

PORTUGAL

— PORTO —

Entrega oficial: 18 de maio de 2017
Local: Biblioteca Municipal Almeida Garrett, R. de Entre-Quintas 268, 4050-344 Porto

A entrega oficial terá a forma de uma reconstituição pública das sugestões de alunos após alguns debates sobre o tema das migrações e a melhoria da gestão intercultural nas escolas a partir da *Enciclopédia*, no contexto das bibliotecas humanas. O evento decorrerá na presença do presidente da Câmara Municipal do Porto e do seu adjunto com a pasta da Cultura, bem como da equipa da Associação Solidariedade Internacional (ASI), das entidades parceiras e dos alunos e testemunhos que participaram no projeto.

— LISBOA —

Entrega oficial: última semana de maio de 2017
Local: Câmara Municipal de Lisboa, Praça do Município, 1100-365 Lisboa

Mesa redonda e leitura de cartas: na Renovar a Mouraria, Mouraria - Casa comunitária da Mouraria, Beco do Rosendo nº 8-10, 1100-460 Lisboa

A enciclopédia será entregue ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Haverá uma mesa redonda e uma apresentação da experiência que decorreu em Lisboa durante o Fórum intercultural da cidade, bem como uma leitura das cartas na associação Renovar a Mouraria.

GIBRALTAR

Entrega oficial: 28 de junho de 2017
Local: Mario Finlayson National Art Gallery, City Hall, John Mackintosh Square, Gibraltar, GX11 1AA

A *Enciclopédia* será apresentada oficialmente em Gibraltar na presença das autoridades locais, participantes gibraltinos do projeto, equipa europeia e pessoas do público em geral. A *Enciclopédia* será

entregue ao presidente da Câmara de Gibraltar e aos membros do Parlamento de Gibraltar. Seguir-se-á uma recepção. A *Enciclopédia* será guardada na Mario Finlayson National Art Gallery, na City Hall, e estará acessível ao público. O seminário de conclusão da *Enciclopédia* decorrerá após a apresentação, na presença de membros das 8 cidades que participaram no projeto e da associação L'âge de la tortue, que coordena o projeto.

O PROJETO

A Enciclopédia dos Migrantes é um projeto artístico que tem a forma de uma enciclopédia que reúne 400 testemunhos de pessoas migrantes. Foi criada e iniciada pela diretora e autora de projetos interdisciplinares Paloma Fernández Sobrino. A coordenação geral é garantida pela associação L'âge de la tortue.

A ORIGEM DO PROJETO

Em 2007, convidada enquanto artista pela L'âge de la tortue para participar no projeto Correspondances citoyennes¹, Paloma Fernández Sobrino escolheu abordar o tema das migrações através de um prisma mais íntimo. Para isso, propôs a três pessoas migrantes do bairro de Blosne redigirem uma carta íntima que, em seguida, seria publicada sob a forma de um cartão postal desdobrável. Para começar, a própria artista realizou este exercício.

Após esta iniciativa, Paloma Fernández Sobrino continuou o trabalho de recolha de cartas-testemunhos de pessoas migrantes no bairro de Blosne, em Rennes. Os testemunhos recolhidos desta forma deram origem a duas obras, que surgiram em 2008 e em 2011².

Estas recolhas iniciais foram ocasião para encontros regulares com pessoas migrantes em Rennes e depois em Tarragona, Espanha. Nasceu uma dinâmica deste trabalho, à escala do bairro e da cidade, criando uma rede de potenciais testemunhas, por isso Paloma Fernández Sobrino propôs à equipa da L'âge de la tortue, em 2014, continuar a recolha e desenvolver a abordagem existente para produzir um objeto emblemático: uma enciclopédia.

Apropriar-se do símbolo personificado das Luzes e da cultura europeia para divulgar um tipo de saber que não é científico, mas que fornece realidades íntimas das migrações contemporâneas: um dos primeiros grandes princípios da Enciclopédia era apresentado.

¹ Os arquivos deste projeto podem ser consultados no site agedelatortue.org.

² Paloma Fernández-Sobrino, P. & Cousseau, B. (2008). (Partir...). Rennes, França: L'âge de la tortue. Paloma Fernández-Sobrino, P., Eidenhammer, A., Sauvage, A. & Pallarès, M. S. (2011). Partir – esguards...miradas... regards. Rennes, França: L'âge de la tortue.

Tendo em conta a importância das migrações para os nossos países europeus e o desejo de partilhar práticas e saberes numa rede de parceiros, parecia necessário, para a L'âge de la tortue, inserir a *Enciclopédia dos Migrantes* no âmbito de um projeto de cooperação europeia, o qual foi concretizado em 2015. Desta forma, garantindo a orientação global do projeto e a coordenação geral, a associação reuniu à volta do projeto os intervenientes de 8 cidades da frente atlântica: Brest, Rennes, Nantes, Gijón, Porto, Lisboa, Cádiz e Gibraltar, que têm em comum conhecer uma história específica com as migrações, bem como a adesão dos seus respetivos presidentes eleitos ao projeto.

As 400 pessoas migrantes que prestam testemunhos na Enciclopédia são provenientes de percursos bastante diferentes; algumas pessoas partiram há meses, outras há décadas; algumas conhecem o exílio, outras vivem o seu sonho europeu; algumas não deixariam por nada o seu país de acolhimento, outras não recomeçam com o desenraizamento: trata-se de interrogar a experiência íntima da migração e da distância. A diversidade de testemunhas e de testemunhos confere a esta recolha toda a sua riqueza, o que a torna única no seu género e permite dar conta da complexidade desta realidade de forma caleidoscópica.

A abordagem provém de uma artista também imigrada. Trata-se de uma iniciativa artística e sensível, que convenceu e envolveu, no início, uma pequena equipa de três pessoas, que a transportou à escala de um bairro, depois a um nível nacional e, por fim, europeu, envolvendo, finalmente, mais de 700 pessoas - artistas, militantes associativos, investigadores de ciências humanas e sociais, estudantes de grafismo, cidadãos, responsáveis públicos pelas decisões... - na sua aventura.

UM PROJETO ARTÍSTICO

O gesto artístico na origem da Enciclopédia dos Migrantes reside na apropriação e desvio da Enciclopédia de Diderot e d’Alembert. A sua forma (um livro monumental, em vários volumes com encadernação em pele) é utilizada na ótica de divulgar um saber não científico, mas proveniente de experiências de vida, com toda a subjetividade que isso envolve. O princípio é, então, publicar uma enciclopédia a partir de diversos testemunhos individuais de pessoas migrantes – 400 testemunhos –, que sejam a fonte de um novo saber, com base no íntimo e no individual. Este gesto de desvio da *Enciclopédia das Luzes*, símbolo da cultura científica ocidental, objeto de saberes considerados legítimos, liberta-se das representações políticas e sociais mais comuns relativamente às migrações dando voz aos primeiros a ser afetados. A *Enciclopédia* de Diderot e d’Alembert tinha como projeto a saída do obscurantismo do período da Idade Média ao propor uma representação diferente do mundo, proveniente das últimas descobertas científicas. Tratava-se mais de um projeto político do que científico. Em 2017, publicar um conteúdo sensível sob a forma de uma enciclopédia, através de um empreendimento popular e contributivo, é um ato artístico e político.

Enquanto objeto de grande dimensão – devido ao seu peso (quase 3 kg para cada um dos 3 volumes!) e pelo número de testemunhos –, a Enciclopédia dos Migrantes é esta obra artística completa, inclassificável e difícil de utilizar no sentido prático do termo, editada em apenas 8 exemplares, que é entregue às cidades sob uma forma imponente, deixando a estas a responsabilidade de cuidá-la, de fazê-la viver e divulgá-la.

TESTEMUNHOS: ENTRE O ÍNTIMO E O PÚBLICO

No âmbito do projeto, cada testemunha teve de redigir uma carga íntima para a Enciclopédia, dirigida a uma pessoa do seu círculo (família, amigo) que permaneceu no país e destinada a ser publicada. O testemunho produzido desta forma situa-se, assim, em equilíbrio num cume, entre a maior intimidade da experiência individual e a exigência de partilha desta experiência, o que criou cartas de um género único, enviadas para a pessoa afastada, mas também para uma variedade de potenciais leitores.

Os migrantes expressam-se, assim, através de uma carta manuscrita íntima, dirigida a uma próxima que permaneceu no país na sua língua materna. Encontra-se uma amostra de 74 línguas nas cerca de 1780 páginas desta enciclopédia. Cada testemunho é acompanhado pela sua tradução numa das 4 línguas de publicação do projeto, que são francês, espanhol, português e inglês. As hesitações e as particularidades da língua manuscrita de que, por vezes, até o alfabeto nos é desconhecido, situam-nos ao nível da intimidade mais tocante e visível, que vem tornar acessível a carta traduzida.

É criado um retrato fotográfico para cada testemunha por parte de um dos 16 fotógrafos envolvidos nas cidades parceiras. É fruto de um encontro e de um diálogo entre a testemunha e o fotógrafo. Este coloca o seu know-how e a sua criatividade ao serviço da criação de uma imagem que combina uma abordagem resolutamente documental com um trabalho de encenação que pretende destacar as pessoas migrantes.

Em muitos testemunhos, as palavras foram escritas pela primeira vez, por não terem conseguido ser pronunciadas na altura certa ou perante a pessoa adequada, também por vezes por não terem podido sair nesse momento. O leitor torna-se, então, a testemunha de uma confissão, de uma declaração, de uma admissão ou de qualquer outra conversa íntima, sendo, por sua vez, depositário de um conhecimento humano e frágil, do qual é difícil delimitar os contornos, derivado da sinceridade e de um percurso humano, que ocorre com argumentos. Cada testemunho é autêntico, sendo apresentado, através das limitações da publicação, numa composição que só pretende oferecer às conversas íntimas, quer sejam ternas, de reconhecimento ou ainda vingativas, o seu prestígio.

UMA INICIATIVA CONTRIBUTIVA

Um outro aspeto importante do projeto foi o de elaborar uma iniciativa contributiva de uma ponta à outra. Tal como a Enciclopédia de Diderot e d’Alembert, a Enciclopédia dos Migrantes é fruto de um trabalho em comum, realizado através do desenvolvimento de uma rede de intervenientes pluridisciplinares (artistas, militantes associativos, estudantes de grafismo, cidadãos, responsáveis públicos pelas decisões...), entre os quais investiga-

dores de ciências humanas e sociais, e de estruturas europeias (associações, municípios, instituições em França, em Espanha, em Portugal e em Gibraltar). Esta rede de intervenientes favoreceu, desde o início do projeto, a contribuição de todos os participantes e, em particular, dos primeiros a ser afetados: as próprias pessoas migrantes. O tema desta enciclopédia é, ao mesmo tempo, tema e autor, não foi «objetivado». A soma considerável de todas estas individualidades também é um terreno propício para o início de uma reflexão sobre os direitos culturais, aos quais a L'âge de la tortue concede um lugar de grande importância.

Desde a conceção que o princípio da colaboração contributiva foi implementado, através da criação de um grupo de reflexão. Este grupo reuniu-se sete vezes, no bairro de Blosne, em Rennes, entre outubro de 2014 e outubro de 2016, juntando sempre cerca de quarenta pessoas de horizontes bastante diversos. As reuniões, que se desenrolaram durante um dia inteiro, tiveram a forma de partilhas organizadas de forma horizontal, onde cada um podia intervir, sem distinção de estatuto, tendo como objetivo o tratamento de questões fundamentais relacionadas com o projeto, como o espaço a conceder à diversidade linguística, eventuais critérios de seleção de testemunhas, classificação de testemunhos...

No terreno, 16 pessoas «de contacto» criaram uma relação com cada pessoa migrante que pudesse aceitar fornecer o seu testemunho. Criaram uma relação de confiança com as testemunhas que acompanharam, para que os testemunhos, por vezes escritos a quatro mãos ou traduzidos ao mesmo tempo para a língua do país de acolhimento, fossem os mais fiéis da palavra proferida. Cada testemunho é, desta forma, fruto e resultado de um encontro real com uma pessoa, de uma relação nutrida ao longo do tempo com confiança e respeito, à volta de um projeto comum.

Além disso, foi criada uma rede europeia de 16 investigadores de ciências humanas e sociais que fornece uma contribuição editorial à *Enciclopédia*, através de 16 artigos sobre temas precisos sobre a questão das migrações.

UM PROJETO DE COOPERAÇÃO EUROPEIA

O projeto foi criado no bairro de Blosne, em Rennes, em 2014. A partir desta fixação local, foi desenvolvido ao nível europeu em 2015 para se concretizar em 2017 (entre os meses de março e de junho) através de uma série de entregas oficiais e eventos organizados nas 8 cidades parceiras.

As partilhas de boas práticas entre os parceiros fazem parte integrante dos desafios mobilizados à volta do projeto, **com o desejo comum de participar ativamente na escrita da história europeia das migrações a partir de histórias locais das migrações.**

As oito cidades que participam ativamente no projeto encontram-se todas situadas na frente atlântica da Europa, viradas para o mar, na interface de vários mundos. Possuem um longo passado migratório, composto por histórias diferentes, ricas em diversos episódios que as criam, constroem, reconstróem ou ainda marcam o regresso das colónias. As memórias dos seus habitantes estão impregnadas com todas as realidades das migrações. Trata-se também de cidades nas quais os participantes, provenientes da vida civil e, na maioria, envolvidos com populações imigradas, puderam beneficiar de um apoio real das autoridades locais em torno deste projeto.

RECURSOS E PRODUÇÕES

A Enciclopédia dos Migrantes dá origem à publicação de uma versão em papel (editada em 8 exemplares, formato 29 x 45 cm, 3 volumes, encadernação artesanal, capa total em couro e marcação de ouro) e de uma versão digital (acessível gratuitamente no site do projeto a partir de março de 2017). Em paralelo, é produzido um site, um filme documentário, um kit de referenciais e um manual de utilização para oferecer várias portas de entrada no projeto.

Estes suportes são todos publicados nas quatro línguas dos países das cidades parceiras: francês, espanhol, português e inglês. Todas as produções têm como objetivo apoiar a iniciativa começada nos próximos anos, à escala das 8 cidades, através de ações de valorização do projeto com destino, nomeadamente, as escolas, colégios, liceus e universidades.

Obra íntima e pública, a Enciclopédia dos Migrantes é, desta forma, o sonho humilde e ambicioso de se tornar o pretexto de múltiplas interrogações individuais ou coletivas sobre esta realidade fundadora que são as migrações, elementos perpétuos de reconfiguração das nossas sociedades contemporâneas.

RECURSOS E PRODUÇÕES

A Enciclopédia dos Migrantes é apresentada num conjunto de suportes, cujos principais são a edição em papel, editada em 8 exemplares, e a versão digital. Um site, um filme documentário, um kit de referenciais e o presente manual de utilização acompanham-na e oferecem esclarecimentos sobre a sua elaboração e sobre a vida do projeto desde a sua publicação. Todos os recursos e produções são traduzidos ou legendados nas 4 línguas de publicação da Enciclopédia (francês, espanhol, português e inglês).

ENCICLOPÉDIA DOS MIGRANTES IMPRESSA

→ Livro artístico com encadernação em pele de 1782 páginas, divididas em 3 volumes, editado em 8 exemplares.

→ Contém 400 testemunhos, cada um composto pela versão manuscrita da carta da testemunha na língua de publicação, uma cópia da carta manuscrita e um retrato fotográfico tirado por um dos 16 fotógrafos mobilizados para o projeto, bem como 16 textos redigidos por investigadores de ciências humanas e sociais.

→ Publicação multilingue disponível em 4 versões (cartas manuscritas em 74 línguas + 1 das 4 línguas de publicação).

→ Entrega de um exemplar a cada uma das 8 cidades parceiras.

ENCICLOPÉDIA DOS MIGRANTES DIGITAL

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/digital

→ Contém todos os conteúdos da edição impressa e permite efetuar várias pesquisas temáticas na *Enciclopédia*.

→ Disponível on-line e acessível gratuitamente.

SITE

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/pt

→ Apresenta as informações sobre o projeto em geral, os processos de trabalho (nomeadamente através de vários blogues), as produções realizadas e as ações de divulgação no âmbito da rede transnacional do projeto e não só.

KIT DE REFERENCIAIS

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/pt/projet/pedagogie/

→ Transmite uma série de metodologias aplicadas ao projeto sobre a criação de parcerias com as cidades, textos de referência, organização da recolha de testemunhos ou ainda resumos do Grupo de reflexão que participou no projeto, reflexões iniciais sobre as metodologias a aplicar até à sua avaliação.

→ Disponível on-line e acessível gratuitamente.

DOCUMENTÁRIO

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/pt/projet/film/

→ Reproduz as etapas do projeto na sua totalidade, do nascimento da ideia à produção final da obra, passando pelo processo de criação e pela iniciativa coletiva. Dá conta do processo de «fabrico»

→ Produzido nos territórios do projeto em França, Espanha, Portugal e Gibraltar, o filme foi realizado com um objetivo pedagógico. Ferramenta de memória do projeto.

→ Disponível online e acessível gratuitamente.

MANUAL DE UTILIZAÇÃO

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu/pt/projet/pedagogie/

→ Apresenta as produções do projeto e serve como manual de instruções da *Enciclopédia*.

→ Foi concebido com um objetivo predominantemente pedagógico, destinado a todos os públicos e, especialmente, aos professores, com o propósito de apresentar o projeto como um todo, contribuir para a sua divulgação e deixar antever as suas múltiplas possibilidades de apropriação.

→ Disponível on-line e acessível gratuitamente.



400

TESTEMUNHOS

- 400 cartas manuscritas
- 400 retratos fotográficos
- 1600 traduções

103

PAÍSES
REPRESENTADOS

74

LÍNGUAS
MATERNAS

4

LÍNGUAS
DE PUBLICAÇÃO

Francês
Espanhol
Português
Inglês

8

EXEMPLARES

PAPEL

+

1 VERSÃO DIGITAL

(em acesso livre e gratuito)

1782

PÁGINAS

3 TOMOS

TAMANHO IN-FOLIO
(29 x 45 cm)

CERCA DE 20 QUILO-
GRAMAS

ENCADERNAÇÃO
ARTESANAL
EM PELE

OURO ROTULAÇÃO



700

PESSOAS MOBILIZADAS EM TORNO DO PROJECTO,
ENTRE AS QUAIS

16

FOTÓGRAFOS

54

estruturas e
organismos
parceiros

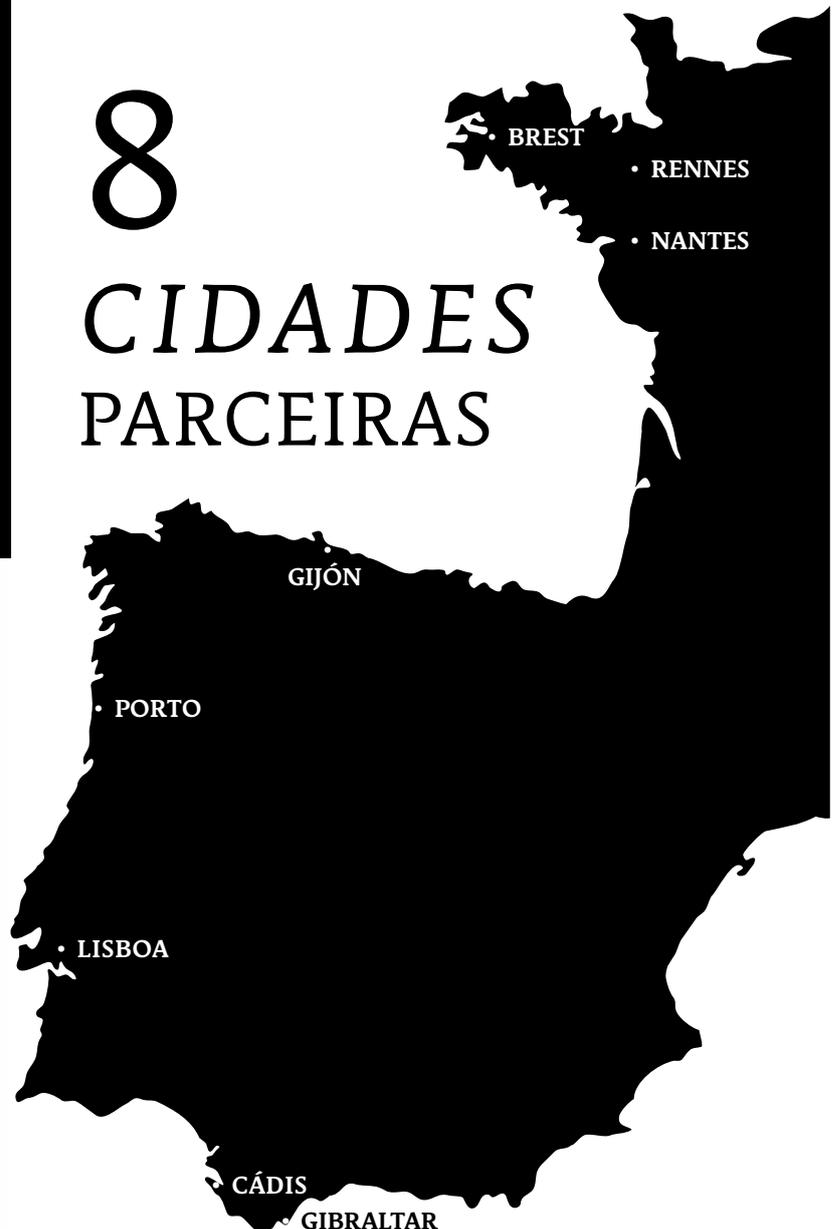
16

INVESTIGADORES
de ciências humanas e sociais



8

CIDADES
PARCEIRAS



3

ANOS
DE TRABALHO

2014 → 2017



A ENCICLOPÉDIA DOS MIGRANTES EM DATAS

2014

(Setembro)

Arranque do projeto e criação de um grupo de reflexão

2015

(Julho)

Lançamento do projeto a nível europeu

(Novembro)

Início da recolha transnacional

2016

(Dezembro)

Impressão da versão em papel

2017

(De março a Junho)

Lançamentos oficiais das versões impressas nas 8 cidades europeias

(Junho)

Lançamento da versão digital

(Junho)

Seminário conclusivo em Gibraltar

(a partir de Julho)

Continuação do divulgação do projecto

BIOGRAFIA DE PALOMA FERNÁNDEZ SOBRINO

Paloma Fernández Sobrino é diretora e autora de projetos interdisciplinares. Nasceu em Espanha e vive em França desde 2004.

É artista associada da L'âge de la tortue desde 2007.

Participa no projeto *Correspondências cidadãs* (2007-2011) e assina as obras *Partir* (2008) e *Partir... esguards, miradas, regards* (2010), que reúnem duas coleções de cartas íntimas escritas por pessoas migrantes que vivem em França e em Espanha, bem como a antologia de poesia *Diz-se de mim que eu não sou uma estrangeira* (2012).

Em 2009, escreve, encena e interpreta a peça de teatro *Derrota*, espetáculo de teatro gestual interpretado numa caravana dirigido a um único espectador ao mesmo tempo, a partir de testemunhos recolhidos junto de mulheres sobre a condição feminina e de uma interpretação livre do poema *Derrota* de Khalil Gibran. No mesmo ano, imagina e dirige também o projeto de cooperação europeia *Correspondências cidadãs em Europa* (França, Espanha, Roménia) com Nicolas Combes.

Em 2014, após ter concluído uma licenciatura em artes do espetáculo, cria e dirige o espetáculo *Derrota (2)*, prolongamento do seu primeiro espetáculo, acompanhada pela cantora lírica Justine Curatolo e com a colaboração de Nathalie Élain na direção de encenação. Em 2015, adapta o novo *Manuscrito encontrado no esquecimento* de Alberto Méndez, extrato da sua obra *Os Girassóis Cegos*, para uma nova peça de teatro: *Encontrado no esquecimento*, interpretada por Benoit Hattet, Nathalie Élain e pelo cantor de flamenco Pere Martínez.

Prosseguindo o seu trabalho sobre a vertente íntima numa escala maior, Paloma Fernández Sobrino criou a *Enciclopédia dos Migrantes* e assegura a sua direção artística.

APRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO L'ÂGE DE LA TORTUE

A L'âge de la tortue é uma equipa que cria e implementa projetos artísticos no campo das artes visuais e das artes cénicas. Fundada com base num pensamento crítico da nossa sociedade contemporânea e no respeito dos direitos culturais, a iniciativa da L'âge de la tortue interroga a nossa relação com as representações políticas e sociais para alterar a nossa visão sobre o mundo. Os processos de trabalho alimentam a produção das obras e têm a forma de laboratórios interdisciplinares criados por artistas a longo prazo (laboratórios entre diferentes artes, laboratórios de reflexão, laboratórios participativos com pessoas que vivem num território).

Localizada no bairro de Blosne, em Rennes, a L'âge de la tortue desenvolve os seus projetos a partir da escala microlocal em articulação com outros territórios na Europa. A L'âge de la tortue é uma associação (lei francesa de 1901) fundada em 2001, em Rennes.

A atividade da associação está estruturada por grandes projetos: alojamento de artistas, projetos culturais europeus, criações teatrais, apresentados em períodos mais ou menos longos (*Correspondências cidadãos* de 2007 a 2009, *Derrota* em 2009, *Correspondências cidadãos em Europa* de 2010 a 2011, *Expéditions* de 2012 a 2014, *Enciclopédia dos Migrantes* de 2014 a 2017, *Résidence secondaire* com uma duração indeterminada, a partir de 2016). Historicamente, estes projetos tiveram lugar no bairro de Blosne, em Rennes, onde a associação está localizada desde 2007. Alargaram-se, progressivamente, a outros locais, nomeadamente em Brest e Nantes, Espanha, Roménia, Polónia, Portugal ou ainda Gibraltar.

A equipa

Céline Laflute – Coordenadora

Paloma Fernández Sobrino – Autora de projetos interdisciplinares, encenadora

Antoine Chaudet – Responsável de comunicação e de criação gráfica

Claire Bizien – Assistente de administração de projetos europeus

Sophie-Laure Gresse – Responsável de edição e assistente de comunicação

L'âge de la tortue
10 bis square de Nimègue, 35200 Rennes, France
contact@agedelatortue.org
+33 950 185 165 / +33 661 757 603
www.agedelatortue.org

EXTRATOS: 10 TESTEMUNHOS

Estes testemunhos completos (carta manuscrita, tradução em português e retrato fotográfico) podem ser reproduzidos desde que mencionem sistematicamente que são a crédito de: L'âge de la tortue. No que toca às fotografias, é necessário adicionar o copyright do fotógrafo, como indicado sob cada retrato.

Ficheiros em HD disponíveis a pedido: communication@agedelatortue.org

- Araceli Ruiz Toribios	18
- Chang Liu Mell	22
- Douce Dibondo	26
- Giuseppe Lagomarsini	30
- Héba Cornillet Emam	34
- Janina Vesin	38
- Manuel Ríos	42
- Paloma Fernández Sobrino	46
- Victor Obertan	50
- Wei Zhou	54

ARACELI RUIZ TORIBIOS

Moscovo, Rússia
Gijón, Espanha

Gijón, 3 de Janeiro de 2016

Queridas primas,

Finalmente vou contar-vos alguma coisa sobre a minha vida que tanto desejam conhecer.

Em 1936 como sabem, começou a Guerra Civil em Espanha. Quando Franco era general do exército revoltou-se em Marrocos trazendo as tropas para Espanha e acabou com a 2ª República. A situação em Espanha era muito má e quem mais sofria eram as crianças. Foi então que muitos países se ofereceram para salvar estas crianças das bombas que os aviões alemães lançavam, porque Franco aliou-se a Hitler e a Mussolini. Muitos países ofereceram-se para que muitas crianças espanholas fossem viver temporariamente para estes países até que a guerra terminasse. Os nossos pais decidiram mandar as mais novas para a Rússia e fomos: a Angelines, de 5 anos, a Conchita, de 11, eu, com 13, e a Águeda como educadora, com 22 anos. Os nossos pais alistaram-nos para irmos para a Rússia, que acolheu aproximadamente 300 crianças espanholas.

E assim foi. A 23 de setembro de 1937 saímos do porto de Gijón rumo a Leninegrado. Depois de termos esperado algumas semanas reunidos em escolas já vazias para que fosse mais fácil reunir todos.

Chegou o barco, que era um cargueiro, e os autocarros que nos foram buscar atravessaram Gijón às escuras para que outro barco não se apercebesse e disparasse contra nós para que não saíssemos de Espanha. Partimos na noite de 23 de setembro e chegámos ao porto de Santander. Ali esperava-nos um barco russo de passageiros, muito bonito e muito cómodo. Chegámos a Inglaterra e ali dividiram-nos por dois barcos, pois de Gijón partimos 1100 crianças sem contar com os professores e educadores que nos acompanhavam.

Chegámos a Leninegrado a 3 de outubro de 1937 onde, no porto, nos esperava a população de Leninegrado e os pio-

neiros. Enquanto aqui eramos filhos bastardos, filhos de republicanos perdedores, lá receberam-nos com faixas que diziam “Bem-vindos filhos do heroico povo espanhol”.

Em Leninegrado estava tudo preparado. As casas de crianças nas quais íamos viver os anos da nossa infância.

Em 1940 algumas crianças não queriam nem podiam continuar a estudar num curso universitário. Foi desfazer as casas e reformá-las: uma em Leninegrado para quem queria aprender uma profissão, outra em Moscovo para aqueles que pretendiam terminar a Universidade. Mas em 1941 estávamos em plena Guerra Mundial, com a Alemanha a atacar a União Soviética e aqui começa, ou continua, a nossa tragédia. Evacuaram-nos para Odessa e para a Ásia Central. Cheguei ao Uzebequistão e por lá fiquei durante a guerra. Quando a 8 maio de 1945 a guerra terminou, reuniram-nos novamente em Moscovo. Comecei a estudar na Universidade e terminei o curso em 1957.

Nesse ano teve lugar a Revolução Cubana e a Rússia ajudava esta revolução enviando militares para Cuba mas também precisavam de tradutores pelo que levaram um grupo de espanhóis. Fomos, o meu marido e eu, com a nossa filha de 6 anos. Lá conheci o Che Guevara e, como estávamos em Cuba a trabalhar com a minha irmã Conchita, perguntou-nos pelos nossos pais, que continuavam em Gijón e que há quase 30 anos não víamos. Ele propôs que os trouxéssemos para Cuba para que nos encontrássemos e assim o fizemos, no verão de 1964, em La Habana, tendo sido os padrinhos da minha segunda filha. A primeira nasceu em Moscovo e a segunda em La Habana.

Bem, simpáticas, contar-vos-ei mais sobre a minha história quando nos virmos.

Um abraço,

Araceli

Gijón, 3 de enero de 2016

Queridas primas:

Por fin voy a contaros algo sobre mi vida, que tanto deseáis conocer.

En el año 1936 sabéis que comenzó la Guerra Civil en España. Cuando Franco era general del ejército y se sublevó en Marruecos trayendo las tropas a España y acabando con la 2ª República.

La situación en España era fatal y quienes más padecían eran los niños. Fue entonces cuando muchos países se ofrecieron a salvar a estos niños de las bombas que tiraban los aviones alemanes.

Porque Franco se unió a Hitler y a Mussolini. Entonces muchos países, voluntariamente, se prestaron a que los niños españoles fueran a vivir temporalmente, a estos países hasta que terminara la guerra.

Nuestros padres decidieron mandar a Rusia a las más pequeñas, y fuimos: Angelines, de 5 años, Conchita, con 11 años, yo con 13 y Agueda como educadora, con 22 años. Los padres nos alistaron para ir a Rusia, que solicitó a unos 300 niños españoles.

Y así fue, el 23 de septiembre de 1937, salimos del puerto de Gijón rumbo a Leningrado, aunque esperamos unas cuantas semanas reunidos ya en escuelas vacías para que fuera más fácil reunirnos a todas.

Llegó el barco que era un carguero, y los autobuses que nos recogieron, cruzaron Gijón a oscuras para que el barco no se enterase y nos disparara, para que no saliésemos de España.

Salimos la noche del 23 de septiembre y llegamos al puerto de Santander. Allí nos esperaba un barco ruso de pasajeros, era precioso y muy cómodo. Llegamos a Inglaterra y allí nos repartieron entre los dos barcos, pues éramos 1.100 niños los que salimos de Gijón, más luego los maestras y educadores que nos acompañaban.

Llegamos a Leningrado el 3 de octubre de 1937 y allí en el puerto nos esperaba el pueblo de Leningrado y los pioneros. Mientras que aquí éramos hijos bastardos, hijos de republicanos perdedores, allí en las pancartas decían "Bienvenidos a los hijos del heroico pueblo español".

En Leningrado tenían todo preparado, las casas de niños en las que viviríamos los años de nuestra infancia.

En el año 1940, algunos niños no querían ni podían seguir estudiando una carrera universitaria y decidieron deshacer las casas y reformarlas: Una en Leningrado para los que querían hacer un oficio, y en Moscú para los que deseaban terminar la universidad. Pero en el año 1941 estaba la Guerra Mundial alemana atacando a la Unión Soviética, y aquí empieza o sigue nuestra tragedia. Evacuamos de Odesa a Asia Central. Yo llegué hasta Uzbekistán y allí pasé toda la guerra. Cuando en el año 1945, el 8 de mayo, termina la guerra y de nuevo nos reúnen en Moscú, empecé a estudiar en la universidad y la terminé en 1957.

En ese año estaba la Revolución Cubana y Rusia ayudaba a esta revolución, mandando a Cuba militares, pero también necesitaban traductores, y allí nos llevaron a un grupo de niños españoles. Fuimos mi esposo y yo con una hija de 6 años.

Allí conocí al Che Guevara, y como estábamos en Cuba trabajando mi hermana Conchita y yo, nos preguntó por nuestros padres, que estaban en Gijón, y que hacía casi 30 años que no veíamos. Él nos propuso que los trajésemos a Cuba para encontrarnos, y así lo hicimos en el verano de 1964, en La Habana, y fueron los padrinos de mi segunda hija. La primera nació en Moscú y esta en La Habana.

Bueno amigos, seguiré mi historia cuando nos veamos.

Un abrazo

Araeli



CHANG LIU MELL

Zhangjiakou, China
Brest, França

PERSEVERANÇA

Pa,

Neste período de procura por emprego e de autoquestionamento, às vezes sonho em recuar no tempo e escolher não fazer esta tese que tomou cinco anos da minha juventude em nome desta pesquisa, solitária, sem emprego. Desde o início da tese, por falta de conhecimento, fiz muitas escolhas erradas. Não construí nem uma perspetiva para o futuro, nem uma rede de pesquisadores. Sabes, nós não somos realmente pesquisadores se fazemos nossas pesquisas sozinhos, isolados no seu próprio canto. De facto, esse autoquestionamento também vem das minhas mudanças progressivas ao longo do tempo. A minha licenciatura, o meu mestrado e o meu doutoramento foram um percurso contínuo lógico, com o objetivo de me tornar professora de francês numa universidade chinesa. Mas, após ter concluído todas essas preparações, eu evoluí, descobri novas possibilidades, vi outras coisas que importam muito mais para mim...

Durante os meus cinco anos de tese e os meus oito anos de residência em França, ainda que tenha permanecido muito tempo na Universidade, em relação a muitas outras pessoas, de um ponto de vista não muito pragmático, considero-me felizarda por ter tido esse tempo de reflexão sobre determinadas coisas, em vez de penetrar diretamente no meio profissional após a licenciatura, de ter de me adaptar à sociedade sem a poder questionar e de aceitar de bom grado o modo de vida consumista imposto pela sociedade atual. De facto, eu aprecio cada vez menos o facto de comprar coisas e de as acumular, vejo os produtos de consumo diário de uma outra forma. Também me considero felizarda por poder escolher a minha origem chinesa: aumenta cada vez mais o meu interesse pela literatura chinesa, pela pintura e pela caligrafia, pela

medicina tradicional. Para mim, são estes os elementos que formam a minha raiz chinesa, e não a vida atual na China. Sem dúvida alguma, o meu percurso em França fez com que eu me quisesse (devesse?) afirmar cada vez mais; várias experiências me afastaram da vida chinesa atual, dos meus antigos amigos chineses, pois nós temos cada vez menos assuntos em comum. Trabalhar mais, ganhar mais, adquirir bens imobiliários, “ter uma vida melhor”, comprar um automóvel, comprar um automóvel ainda melhor, ter um filho, cuidar da criança, investir plenamente no trabalho e no desenvolvimento da rede, preparar a sua própria ascensão social, etc., tudo isso *é importante para eles mas não me diz muito a mim. Acredito que tomei outro caminho da maturidade, um processo rumo à liberdade.* Realmente, o que a minha estadia em França me trouxe de mais valioso foi uma certa liberdade nos meus pensamentos, o facto de ter mais força para saber o que é importante para a minha própria vida e escolher o meu modo de viver, sem necessariamente ser limitada pelos modos de vida chineses ou franceses.

Atualmente eu esforço-me para ter um trabalho relativamente estável, para suprir as minhas necessidades alimentares, a fim de aprender cada vez mais coisas e de dar continuidade à minha paixão artística, pois creio que é a ela que dedicarei a minha vida. Após toda esta dissertação sem fim, quero simplesmente dizer, a ti e à mãe, que a vossa filha, apesar de todos os autoquestionamentos, evolui com uma direção e que não é preciso que se preocupem comigo, eu vivo bem em França.

Sinceramente,

Vossa filha

爸，在我现在找工作的迷茫期，我有时候会想时光倒流，不选择做这个博士论文，在孤独的所谓的研究中耗费我五年的青春之后却不能有一个现成的工作。而且由于一开始很多东西不懂，做错了选择，读完之后就没有继续在这方前进的路，也没有形成一个学者的圈子，你要知道，单独一人搞学问的不是学者。其实我现在的迷茫也来自于我一点一滴的改变，因为我学士、硕士、博士本来是要走向一个方向，就是回中国做法语老师，但是我这一系列的事情做完了以后，发现我自己变了，发现有新的可能，发现了对自己更有意义的东西……

从不太功利的角度来看，博士五年和在法国生活的八年中，虽然上学的时间比大多数人多了太多，但是我很有幸有这段思考一些东西，而不是直接本科毕业后进入社会工作，适应而顺势接受社会。大众的生活消费方式。我变得不喜欢买多余的东西，并不从不同角度看待我们日常消费的东西。因此有一些对别人来说重要的事情，一些条条框框我都不大在意。我还庆幸的是我选择了他保留我的根，我开始对中国的文学，书画，中医增加兴趣，对于我来说这是我的中国根，而不是在中国的现实生活。可能在法国的各种经历让我变得更想要自我，不同的经验让我和中国的联系没有那么多的时候，中国的朋友越来越少，共同的话题也越来越少。很多中国朋友关注的多工作，多赚钱，买房子，有更好的生活，买车，再换更好的车，生孩子，养孩子，忙孩子工作和社交，提高社会地位等等是我不太感兴趣的。我想这也是一种成熟，向自由进一步的过。我想在法国的经历给我最大的收获就是多一些思想上的自由，自己去思考什么是最重要的，开始有新的力量注自己的活法，而不会被所谓的中国或法国的生活方式所拘束。

对现在的我来说，我希望有一份相对稳定工作做后勤保障，为了更好地学习新的东西，艺术方面有所创造，我觉得这是我这一辈子想发展和探索的。说了这么多，我是想说女儿知道自己想要什么，而且正在向自己想要的方向努力，希望你和妈不用为我担心，知道我在法国过得很好。

祝好 女儿



DOUCE DIBONDO

Brazzaville, República do Congo
Nantes, França

Papá,

J á faz mais de uma década que deixei os teus braços, os meus hábitos e as minhas referências. Os teus olhos, que me mostravam orgulho, as tuas mãos que me consolavam e me guiavam. Aos doze anos de idade percebi que ir embora para longe de ti, para longe do meu Congo, seria a partida rumo a uma nova vida: não necessariamente melhor nem pior. Uma vida que permitiria que a Céleste e eu nos afastássemos da situação caótica de um país em crise. Aqui, o tempo passou sem ruído. As lembranças de ti atenuaram-se, a tua voz passou a confundir-se com as demais. Por vezes senti-me revoltada com essas crianças à minha volta que não percebiam a sorte de terem ao lado o mais belo dos tesouros, o pilar da vida que são os pais. Até hoje não sei como fiz para enganar a saudade, as lembranças e suas traições, o tempo que sempre fez com que eu me perguntasse se um dia me reconhecerás, se verás em mim a filha que sempre fui. Durante mais de dez anos, não recebi nem sequer uma foto tua para guardar na memória as tuas feições. Teus pequenos olhos amendoados, cuja íris é, ao mesmo tempo, profundamente negra e meiga. E o teu sorriso vivo e franco, tão belo, que eu nunca esqueci.

Sempre repetia a mim mesma os conselhos que me deste na última vez que nos vimos, naquela prisão que mais se parecia com uma colônia de férias, com amigos de longa data. Disseste-me: “Não te feches diante das pessoas que te cercarão. Sê sempre aberta, o máximo possível. Cresce, minha filha, cresce...”. Desde então, sempre fiz de tudo para me aplicar. Encontrei nos estudos de sociologia a possibilidade de refletir, de aprofundar o meu amor pela literatura, pelas artes e pela cultura, o meu desejo de viagem e de ir ao encontro das pessoas. Sempre procurei terminar as palavras cruzadas, como costumavas

fazer. Tu, “o invencível”, desafio-te quando quiseres, meu Papá querido! Cresci encontrando pessoas que mudaram para sempre a minha vida. Pessoas que têm as mesmas falhas que eu, as mesmas dificuldades em França. Trata-se de um país cheio de paradoxos: o inverno e a papelada administrativa são ambos lentos e frios; no verão, as pessoas, oriundas de diversos horizontes e caminhos, são calorosas e sorridentes. As pessoas são solitárias e tristes e podem, num encontro inopinado, inundar-te de amor. Porém, apesar disso tudo, as ruas e os ruídos da cidade do Congo fazem-me muita falta. As pessoas viviam sempre ao ar livre, sempre rodeadas de outras pessoas e habitadas por essa alegria de viver e com um sorriso permanente. Sinto saudades até mesmo das coisas que me irritavam: os atrasos incessantes, a fleuma de algumas pessoas, etc. Desde que cá cheguei, tenho a impressão de me tornar cada vez mais francesa, sem jamais esquecer o teu nome, a minha herança, os pratos e a música do meu Congo. Tenho inúmeros projetos para um futuro regresso. Quero agradecer a terra onde me viste nascer, ao mesmo tempo que considero a minha terra de acolhimento e todas as promessas que ela me oferece.

Hoje, aos vinte e dois anos, sei que nos reveremos muito em breve. Sei que nada terá mudado realmente, ao mesmo tempo que nunca mais será como antes. Mal posso esperar para te rever-te e te sentir. O teu riso, a tua franqueza, a tua alma de bon vivant, o teu espírito crítico, mas nunca arrogante. Quero resgatar o que, no fim das contas, nunca foi perdido, apenas posto entre parênteses.

Quero, enfim, sentir-me completa. Quero voltar a ganhar cores.

Tua filha Douce
que te ama

Papa,

Déjà plus d'une décennie que j'ai quitté tes bras, mes habitudes et mes repères. Tes yeux qui me criaient leur fierté, tes mains qui me consolait et qui me guidaient. Du haut de mes douze ans, j'ai compris que partir loin de toi, loin de mon Congo était le départ d'une nouvelle vie: pas mieux, pas pire. Une vie qui nous permettait de m'éloigner Céleste et moi de la situation chaotique d'un pays en crise. Toi, le temps est passé sans crier gare. Les souvenirs de toi se sont floués, ta voix s'est muée en des milliers de voix parmi tant d'autres. Je me suis parfois révoltée, envie ces enfants autour de moi qui ne réalisaient pas la chance qu'ils avaient près d'aux, le plus beau des trésors. Le pillier que sont les parents. Jusqu'à ce jour, je ne sais pas comment j'ai fait pour tarir le manque, la mémoire et ses trahisons, le temps qui me fait toujours me demander si tu me reconnaitras un jour. Si tu virais en moi, la fille que j'ai toujours été. Pendant plus de dix ans, je n'ai pas eu une seule photo de toi pour m'accrocher aux traits de ton visage. Ces petits yeux en amande, l'iris noir et doux à la fois. Et ce sourire carnassier et franc, si beau! Ça, ça ne m'a jamais quitté.

Je me suis répétée encore et encore les conseils que tu m'as donnés la dernière fois qu'on s'est vu, dans cette prison qui ressemblait plus à une colonie de vacances avec des amis de longue date. D'ailleurs... Tu m'as dit: «ne fais pas dans le clarique au niveau des gens qui t'entoureront. Sois aussi ouverte que possible. Grandis-toi ma fille, grandis-toi...». Depuis, je me suis évertuée à m'appliquer. J'ai trouvé dans mes études de sociologie, la possibilité de réfléchir, d'approfondir mon amour pour la littérature, les arts et la culture. Mon envie de voyage, de rencontre de l'Autre. Je me suis toujours attachée à finir les grilles de mots fléchés comme toi. Toi, l'imbattable, je te dépasse quand tu veux mon petit papa! Je me suis grandie, en rencontrant des personnes

qui ont changé ma vie à tout jamais. Des personnes qui ont mes failles, mes difficultés en France. Cette dernière est un pays plein de paradoxe : l'hiver et la bureaucratie administrative y sont lents et froids; l'été, les gens aux différentes vies et parcours y sont chaleureux et souriants. Les gens sont seuls et tristes et peuvent au détour d'une rencontre, t'inspirer d'amour. N'empêche, les rues et le bruit de la ville du Congo me manquent. Les gens vivant le dehors, toujours entourés, toujours cette joie de vivre, le sourire. Même les choses qui m'agaçaient me manquent : les retards incessants, le flegme de certains etc. J'ai aussi depuis, l'impression d'être de plus en plus française sans jamais oublier ton nom, mon héritage, les plats et la musique de mon Congo. J'ai des projets plein la tête pour un futur retour. Je veux remercier la terre où tu m'as vu naître, en prenant à ma terre d'accueil toutes les promesses qu'elle m'offre.

Du haut de mes 22 ans à présent, je sais qu'on se reverra très vite; que rien n'aura vraiment changé, sans jamais ne plus être pareil. J'ai tellement hâte de te retrouver et te sentir. Ton rire, ton franc-parler, ton bon vivant, ton esprit critique mais jamais hautain. Je veux rattraper ce qui au final n'est pas perdu, mais juste entre parenthèses.

Je veux enfin me sentir complète
Je veux reprendre des couleurs.

La fille Douce,
qui t'aime.



GIUSEPPE LAGOMARSINO

Buenos Aires, Argentina
Cádiz, Espanha

Olá irmãzinha, como estás? Metida na viragem eleitoral nesse país caótico? A teres de escolher outra vez entre o mau e o pior? E é melhor não continuar com este assunto porque (nunca?) vamos estar de acordo.

Estou quase a fazer 40 anos de exílio. Quarenta anos fora do meu país, que já não é o meu país. E não penses que sinto que Espanha o seja. Porque nesta altura da minha vida sinto que não sou de parte nenhuma. Rio-me quando alguém, que ouve as guinadas que dei na minha vida, todos os lugares onde vivi, me diz: “Tu és um cidadão do mundo”. Sim, a frase é muito bonita, soa bem ser “cidadão do mundo”, mas na realidade não me sinto cidadão de lugar algum. Aliás, sinto-me mais como um marginal que trata de viver no sítio onde calhar.

Talvez, como disse um poeta (ou Félix Grande?), “a minha pátria é a palavra e um corpo de mulher”. À minha juntaria os amigos. O resto são mitos, costumes, fronteiras, hinos, bandeiras. Bebo mate (quando a úlcera assim me permite), gosto de futebol e de tango. É isto que me faz argentino? O Ché era argentino, o Videla era argentino. Borges, Maradona, um larápio, Troilo, prémio Nobel, todos argentinos. Na Suécia era estrangeiro, em Espanha sou-o e quando vou à Argentina, também me sinto estrangeiro.

Mas, apesar de tudo, e ainda sem saber o que significa isso, sou argentino. Sem orgulho nem vergonha. Como um sinal de nascimento, como uma cicatriz que os anos vão apagando mas que nunca desaparece. Sinto orgulho por algumas coisas que fiz, pelas mulheres que amei e que me amaram, pelos amigos que te querem por seres como és (e apesar disso), pelos filhos que voam livres, por algum conto que não mereceu ser atirado para o caixote do lixo, pelas pedras que atirei. Vergonha por trair-me, por não me atrever, pelo egoísmo, pelos beijos que não dei, porque às vezes falei demais e outras em que me calei quando devia ter gritado.

Não vou organizar uma festa para celebrar estes 40 anos. O exílio é uma ferida, sim, mas uma ferida que carrego com orgulho, o preço que paguei por dizer NÃO.

Bem, Susi, desculpa a minha filosofia barata, esta conversa de café sem mesa nem café, mas tu és uma âncora, o meu cabo ligado à terra, e a quem mais poderia contar estas coisas se não a ti?

Um abraço e dá cumprimentos aos teus.

Amo-te,

Giuseppe

Hola hermanita, ¿cómo estás? ¿Metida en la vorágine electoral de ese quilombo de país? ¿Otra vez teniendo que elegir entre lo malo y lo peor? ¿Y no sigo con este tema porque no nos pondremos (¿nunca?) de acuerdo.

Estoy por cumplir 40 años de exilio. Cuarenta años fuera de mi país, que ya no es mi país. Y no te creas que siento que España lo sea. Porque a esta altura de mi vida siento que no soy de ninguna parte. Me río cuando alguien, escuchando los bandazos que di en mi vida, todos los lugares donde he vivido, me dice: "Tú eres ciudadano del mundo". Sí, la frase es muy bonita, suena bien eso de "ciudadano del mundo", pero yo en realidad no me siento ciudadano de ningún lugar, más bien me siento un paria que trata de vivir allí donde cae.

Tal vez, como dijo un poeta (¿Félix Grande?), "mi patria es la palabra y un cuerpo de mujer". A la mía le agregaría los amigos. Lo demás son mitos, costumbres, fronteras, himnos, banderas. Tomo mate (cuando la illness me deja), me gustan el fútbol y el tango, ¿es eso ser argentino? El Che era argentino, Videla era argentino. Borges, Maradona, un motochorro, Trótski, un premio Nobel, todos argen-

tiños. En Suecia era extranjero, en España lo soy y, cuando voy a Argentina, también me siento extranjero. Pero, a pesar de todo, y aún sin saber lo que significa eso, soy argentino. Sin orgullo ni vergüenza. Como un lunar de nacimiento, como una cicatriz que los años van borrando pero que nunca se quita. Orgullo siento por algunas cosas que hice, por las mujeres que amé y me amaron, por los amigos que te querían por ser como vos (y a pesar de ello), por los hijos que vuelan libres, por algún cuento que no mereció la papelera, por las piedras que he tirado. Vergüenza por traicionarme, por no atreverme, por el egoísmo, por los besos que no di, por que a veces hablé de más y otras callé cuando debí haber gritado.

No haré una fiesta para festejar estos 40 años. El exilio es una herida sí, pero una herida que llevo con orgullo, el precio que pagué por decir NO.

Bueno Susi, perdóname la filosofía barata, esta charca de café sin mesa ni café, pero vos vos un ancla, mi cable a tierra, y ¿a quién digo a vos puedo contarle estas cosas?

Un abrazo, saludos a los tuyos
Te quiero Giuseppe





HÉBA

CORNILLET EMAM

Cairo, Egito
Rennes, França

Minha Querida Mamã,

Se soubesses o quanto sinto a tua falta... Quantas vezes sonho em aconchegar-me contra o teu peito, em segurança, e impregnar-me com o teu perfume, como quando eu era pequenina... Mamã, sinto tua falta! Como sinto saudades do sabor e do cheiro do teu pão, do teu café com especiarias orientais, dos bolos de Aid que acompanhavam a hora do chá, a qual prolongavas tão bem com as tuas histórias e contos...

Sinto falta do calor do Egito e do sol, do calor das reuniões de família, dos amigos e dos vizinhos; os ruídos, sinto falta dos ruídos: das crianças que brincam do lado de fora das casas, dos vendedores de rua e, até mesmo, do incessante ruído das buzinas dos carros! Sinto saudades do humor dos egípcios, com os gracejos delirantes... Fazem-me muita falta os passeios no Cairo antigo e as noites de verão que passamos acordados nos cafés, sem ver o tempo passar até ao raiar da manhã...

Já há oito anos que estou em França, moro na Bretanha com o meu amado marido e sua família adorável. Eles cuidaram de mim desde a minha chegada o que aliviou o meu sentimento de perda, sem no entanto, me facilitar as coisas: eu conhecia o Cairo de ponta a ponta, os seus bairros, as suas ruas e passagens e, aqui, sentia-me como uma criança que tinha perdido os seus pais no meio da multidão no mercado de domingo! Sentia-me vazia de todos esses conhecimentos e confrontada com as minhas lacunas: não falava francês, não sabia como me comportar, os meus diplomas e experiências profissionais aqui não eram reconhecidos... Ademais, não tinha carta de condução e, dessa forma, não podia candidatar-me a trabalho nenhum! Enquanto no meu país eu era independente, uma jornalista brilhante, sempre cercada de amigos e conhecidos, com uma vida ativa e ritmada por colóquios, festivais, festas e movimento, acabei por tornar-me uma mera estrangeira no meio de um mundo desconhecido e desprovido de eles com o meu passado. Tinha de recomeçar uma nova vida: aprender a língua francesa e tornar-me novamente uma estudante, com mais de trinta anos de idade...

Porém, sentia-me orgulhosa de poder estudar numa Universidade francesa, “a Universidade de Rennes”... e na língua francesa! Mas entre mim e essa língua ainda há uma espécie de barreira impermeável... Ela representa um desafio que, às vezes, tenho dificuldade de superar, apesar de toda a minha força de vontade. Ela continua a parecer-me um tanto anormal e ilógica, extremamente difícil de entender e, principalmente, de a pronunciar; um universo a separa da minha língua materna, tanto na escrita quanto oralmente. Apesar de todos os meus progressos e esforços para conseguir entendê-la e que me esgotaram intelectualmente, ainda não me sinto plenamente confortável ao lê-la e escrevê-la, e sinto muita vergonha disso. Mamã, só penso nas tuas netas, Isis e Elsa, elas veem-me como eu te via quando era criança: uma “mãe analfabeta”! Esse dilema paralisa-me, faz com que eu perca a confiança em mim mesma, isola-me e continua a ser o único obstáculo à minha plena integração em França.

Neste país, a natureza é propícia e charmosa, mas eu detesto o inverno! É demasiado longo e, todos os anos, tenho a im-

pressão de que não acabará nunca. O frio fere-me e a falta de luz deprime-me. As pessoas aqui são, no fundo, pessoas de bem, mas que, às vezes, podem parecer frias, distantes e insensíveis... Como egípcia, sinto-me, porém, muito bem vista por eles: eles são fascinados pela nossa civilização e pelo nosso país e não têm, pelo que parece, preconceitos negativos. Eles trabalham bem, com eficácia, qualidade, precisão e organização, mas fazem sempre as coisas da mesma maneira, de modo repetitivo, consoante um enquadramento extremamente rígido que eles chamam de “sistema”! Às vezes acho isso um tanto entediante, pois a rotina instala-se, e sinto muita falta do aleatório, bem como das surpresas, das incongruências, da... “desordem”!

Mamã, tu és o que tenho de mais precioso na vida. Sinto saudades da tua presença, do meu país e da minha cultura, mas só me arrependo de uma coisa: ter nascido mulher nesta sociedade! Sempre me arrependi disso, desde a minha infância... Ter uma menina, tanto para ti quanto para todas as outras mães e pais, é um verdadeiro fardo, carregado de limitações e obrigações! É por esse motivo que, no nosso país, punimos as meninas com a mutilação genital? E quanto a ti, mamã, também quisestes punir-me ao autorizar a minha excisão? Ou, pelo contrário, proteger-me? Não quero que me dêes uma resposta, não quero que fiques triste. Sei que só fizeste o que fizeram a ti, bem como a todas as outras mães na tua época.

Hoje eu também sou mãe de duas filhas e fico triste ao vê-las crescer longe de ti. Elas recusam falar a língua egípcia, apesar de toda a minha perseverança; não veem a utilidade, pois vivem muito longe da minha cultura e das minhas origens... Mas eu quero vê-las viver e crescer livres nos seus pensamentos e nos seus corpos, no meio de uma sociedade que não as punirá por serem mulheres, que as respeitará e as protegerá como são, virgens ou não!

Eu te amo, minha Mamã, mas não voltarei mais. Sou uma árvore desenraizada da sua terra e que foi plantada num outro solo mais propício. Sempre terei as minhas raízes profundas aí, junto a ti, mas tais raízes estão ramificadas, entrelaçadas com as novas, e firmadas profundamente na minha segunda pátria. Eu sou essa árvore que é alimentada por duas terras. Agora sou o fruto dessa mistura.

Eu te amo, Mamã, do fundo do meu coração, e já não te de testo. Amo-te ainda mais desde que me tornei mãe, só agora entendo que não foi fácil para ti. Eu te amo e te perdoo, assim como eu desejo que as minhas filhas possam perdoar-me se um dia eu cometer um erro contra elas, sem querer.

Eu te amo e sinto muito por não teres podido viver a tua própria vida, livremente e com as tuas próprias asas, jamais conhecestes os prazeres, nem a alegria trazida pela leitura, pela escrita e pela cultura...

Eu te amo, Mamã, e te agradeço porque, ao educar-me, autorizaste-me a ser a antítese de ti.

Tua filha que te ama e que te respeita, Héba

فصوم هجوريي بحضارتنا وبلدنا. أذهب يعملونه بكفاية ونضاني واخلاقهم وتنظيهم والنهر
يفعلونه دائما التسمية بنفس المشكله في نفس الوقت في إظهار صدام للغاية وهو ما يطلقونه عليه
ال"سيستر" أي النضام. لهذا أشعر كثيرا بالملل والروتين وأشتاق إلى الصنعة والمفاجأة والعمالية.

أمي يا أغلى الناس عندي ، نعم لئيب إليك وإلى بلدي والرائحة لسه أعود .. لسه أعود لئني
لأحبه أبا لكوني ولدت أمراة في بلدي وظلنا تمنيت أنه أكونه ذكرا حتى أدركت عند طفولتي
أنه لئني في محبتنا هي عجب به ثقيل ، عليلتي وعلى كل أم ، وأن ، لهذا السبب تعاقبته
اللئني بختانز ؟ وأنتي أمي ، كنتي تتريديه عقباني أم كالتن حين قررتي ختانني ؟
لدا ريد منك جوابا ولا أريدك أنه تجزفي ، فأنا لدا الوهش . أمرك أنك فعلت بي ماقد
فعلت بيك . لكن اللئني أم مثلك ، أم لبتامه ولدا ريد أبا ، أنه أفعل بجاها أصل بين وبك .
نعم أفرز كثيرا لأنهم يلتمونه بعيدا عنك ، وأنهم يرضونه تللم المصرية رغم الحاحي المستقر وأنهم
بعيد من كل البعد عن شافتي وأصلني ، إلا أني أريدك هو أريد يعيشونه أحرا الروح والبدن في مجتمع
حر لدا يقابرو يوما على كونهم أناثه ومحترموه وحميهم سواء كانوا بكارني أم لدا!
أحبك أمي ولكن لسه أعود ، فأنا شجرة أقتلعت من ثمرها وزرعت في هوطسة آخر وتيرة أصابع .
فصوم اللئني جذور رغبة هناك عندك وسبقه لأبي ، إلا أنه سرعان ما دبت ورسخت لي
جذور هنا من جديد وكفرتت وتسايلت في هذه الأرضي . فأنا اللئني هذا المزيج ، أنا هذه اللئني
التي تغذت من التريبتين .
أحبك أمي من أعماق قلبي وأبدا لدا أعدك كأمك التي هذا أم أصبحت أما وأعوز اللئني
فقط أنه لو ركبت أبا استطاع عليك ، أحبك وأما حولك اللئني أرجوا أنه تساهماني أبتني
لو أخطأت يوما في حقهما بغير قصد .
أحبك أمي وأنتي لأنك لم تعيشي الحياة التي تمنيتيها ولم تكوني بوحيدة ولم تعرفي أبا
شعور اللذة وللمنعة القراءة والكتابة ...
أحبك أمي وأفكرك اللئني ربيتني على أنه أكونه نقيضك .

للي على أحترامي وتقديري وأناشي يا أمي العزيزة
أينتك المحبة ... هبة

أمي الحبيبة ،

لا تدري كم أشتاق إليك ولمن الأوجان أحلو أن أدفن رأسي في صدرك وأبقى
أنفاسي برأحك كما كنت صغيرة لأشعر بالطمأنينة . أشتاق إليك أمي والى ظهر
وراحة خبزك وقهوتك المحروجة . أشتاق إلى لحك العيد مع شادن العصاى ههنا
كما يلك وهو أيتك ...

أشتاق إلى الدفج والوزن ولجة الذهل والاصحاب والجوارح أشتاق إلى الضوضاء وصوت
الصبية يلعبونه من الخلدات وأصوات الباعة المتجولين في الأسواق . أشتاق صحن إلى كلالهونات
السيارات ! أشتاق إلى مريح وخفة ظل المصريين وثلاث شعور . أشتاق إلى التبول في
أحياء القاهرة القديمة في ليالي الصيف وجلسات المقاهى صحن الصباغ مع صورة أم كلثوم .

صار لي 8 سنوات بفرنسا أميش في بروتانيا مع زوجي الحبيب وعائلته اللذيذة الذين أطلوني
بالحب والرعاية منذ لحظة قدومي . بما خفف عني صعوبة الاندماج بالفرقة . ومع هذا لم يترك
أبداً سهلي على هنا . فبعد أن كنت أحفظ القاموس في ظهر قلب سأرياً وحرارة ومهراً ...
وجدت نفسي هنا كطفل صغير ضلع من أروبه في أحبال الأسواق : لا أتكلم الفرنسية ولا أفهم
شيئاً ألبتة ولا أعرف كيف أصرف . عملت صانق وخبراتي السابقة لم يتوالى عزافى برأهنا . إذا
ليس لي دبلوم ولا رخصة سواقة ولا عمل بالطبع ... فأنا مجرد غريبة في دنيا ليس لأرى صلة
بها ضيماً . بعد أن كنت مُخضفة ومستقلة في بلدي وبعدة يعملن كصحافية ومطالمة وأنا بمعارف
وأصدقاء وحياتي مليحة باضفالاته وهجاناته وديوان وحرك ...

أضطررت أن أبدأ صلات هنا من جديد . فتعلمت اللغة الفرنسية ورجعت مرة أخرى طالبة بعد
من الثلاثين . كنت فخورة بأنني أدرني في جامعة فرنسية ، جامعة عام " ولكن بيني وبين
اللغة الفرنسية حاجز هنيئع وأجدني أحياناً أقوى من إرادتي . فلهذه اللغة غير طبيعية
وغير منطقية بالنسبة لي . أجد صعوبة هائلة في لفظها وفهمها وغوالها فباز الذي
صقته في اجادتي بعد مجيوري أنهتني قلبياً وفسياً . لأنني ما زلت لداً أجد تماماً القراءة
والكتابة برأهما يشعوني بالوجل وأحياناً بالعار . أمي كذا كقول أم تراقى طميداً لك
رايزيس و التراما رأيتك أنا عندما كنت صغيرة " أم أمية " . أسألتي هذه توريقي
دائماً وتووقني وتفقدني ثقتي بنفسى وتعرفني أحياناً لثيرة وما زالت هي العصبية الوحيدة
لي صفاً في فرنسا .

الطبيعة هنا نظيفة وساهرة ولكن ما زلت أكثره السئد فهو طويل طويل وصين يبدأ أسعر بأنه لم
ينتهي أبداً . البرد يؤلمني والعتة والغيمة المستمرة تلتصني . أما الناي فهو حقيقاً طبيوياً
رغم ما يظهره أحياناً من قسوة وبرودة وحفظ ... أستقبل دائماً بتوصيب طميداً .



JANINA VESIN

Varsóvia, Polónia
Rennes, França

Minha querida Mamã,

Quando cheguei a Rennes, no ano de 1944, não poderia imaginar que não nos tornaríamos a ver. Nunca conhecestes os teus netos e eu nunca pude regressar a Varsóvia enquanto ainda estavas viva, pois, naquela época, a Polónia estava do outro lado da cortina de ferro.

Revejo tantas imagens do passado diante dos meus olhos e recordo-me de cada uma nos mínimos detalhes. Lembro-me da vossa loja de tecidos na rua Marszałkowska e do nosso primeiro apartamento, na rua Niecała, bem próximo do jardim Saski. Mostraste-me tantas vezes esse edifício.

Tive uma vida agradável convosco em Varsóvia, mas o destino não nos poupou!

Lembro-me da incrível sorte que tive. Um dia, quando estava com a minha avó, afastei-me dela, e num instante de distração, caí da janela do quarto andar. Tinha apenas dois anos de idade naquela época e escapei sem sequer um arranhão. Uma multidão reuniu-se diante do nosso edifício e, quando voltaste para casa e soubeste o que tinha ocorrido os teus cabelos acinzentaram-se em poucos minutos. Foi assim que sempre te conheci. “Sobrevivente”, todos falavam de mim com essas palavras! Fizeste uma peregrinação até Czestochowa, a pé, para agradecer tamanho milagre.

No início da Segunda Guerra Mundial, caiu um obus sobre a nossa casa, na rua Kapucyńska, e o nosso apartamento foi incendiado.

Quando explodiu a Insurreição de Varsóvia, tivemos de deixar a nossa casa, na rua Danielowiczowska, para nos refugiarmos no subsolo de outro imóvel. Tivemos de abandonar tudo, apenas pudemos levar connosco duas malas. Lembro-me quando costuraste rublos de ouro nos forros das nossas roupas para que pudéssemos sobreviver em caso de grande necessidade. A Insurreição foi algo terrível, pior do que a guerra. Os bombardeios não paravam e eu vi inúmeras pessoas mortas. Também vi pessoas a arranharem a terra com as unhas para recuperar os restos humanos despedaçados sob o solo, para que pudessem enterrá-los dignamente. Um dia, os Insurgidos ficaram contentes ao encontrar um tanque alemão abandonado. Eles não sabiam que se tratava de uma armadilha. Várias pessoas se reuniram e eu também corri. Uma detonação enorme do equipamento, repleto de explosivos, varreu da superfície da terra dezenas de pessoas. Não podemos esquecer este período. Felizmente, muitos livros lhe foram dedicados, leio-os e coleciono-os a todos.

Cada rua era palco de combates, os mais violentos ocorreram na cidade velha, onde morávamos. Lembro-me quando os alemães vieram e gritaram: “Saíam!”. Eles prenderam-nos, aos três: tu, o Papá e eu. O meu irmão combatia na Resistência. Primeiramente, levaram-nos para um campo transitório, perto da Varsóvia. Depois fomos transportados durante dois dias, dentro de um com-

bóio destinado ao gado, até ao campo de concentração de Gross-Rosen.

Quando lá chegámos, eles separaram-nos: os homens deviam ir para a direita, as mulheres, para a esquerda. Nem pude dizer adeus ao Papá. Não sabia que nunca mais o tornaria a ver. O meu irmão procurou-o mais tarde, por intermédio da Cruz Vermelha, em vão...

Eu pude ficar contigo pois menti, disse que tinha catorze anos de idade. Apesar de todos os anos que passaram desde então, ainda revejo na minha mente aquele instante terrível em que nos desinfetaram com produtos químicos nocivos que escorriam sobre as nossas cabeças e nos queimavam a pele. Eles obrigaram-nos a despir completamente, foi a primeira vez que te vi numa situação tão humilhante.

Fomos forçadas a trabalhar numa exploração agrícola. Passámos oito meses a fazer trabalhos forçados, mas ao menos tínhamos algo para comer. Habituíamo-nos a ver os cadáveres, isso já não nos perturbava mais, era simplesmente horrível.

Conheci François, um prisioneiro francês, e apaixonámo-nos. Um padre casou-nos. Graças a Deus, foram os americanos que nos libertaram, não os russos. Foi lá que os nossos caminhos se separaram. Tu não vieste connosco para França, pois querias procurar o teu marido e o teu filho.

Chegámos a Rennes e, no início, tudo corria muito bem. O meu marido abriu um ateliê de instrumentos de música e ganhava bem a vida. Primeiro nasceu a Françoise e, depois, a Catherine.

O meu marido abandonou-me alguns anos mais tarde. Eu ainda não falava bem francês e tive de me desenrascar sozinha. Tive a grande sorte de conhecer pessoas boas, que me ajudaram e me deram um emprego.

Regressei à Polónia pela primeira vez em 1967, tu já não estavas lá. Nada encontrei do mundo que outrora conheci, pois Varsóvia fora quase completamente destruída. As ruas mudaram e eu nada reconheci, a não ser a cidade velha, que fora cuidadosamente reconstruída.

Não pretendo regressar à Polónia pois já lá não tenho ninguém. A minha neta descobriu em Rennes a Associação Polaca e fico feliz por poder lá encontrar os meus compatriotas e porque tem uma biblioteca polaca. A maioria dos meus amigos franceses já faleceram e, atualmente falo mais frequentemente polaco do que francês.

Moro num apartamento, situado na praça Arthur Quentin, já há mais de meio século. Gosto muito deste lugar. Aqui estou em casa e é aqui que eu gostaria de morrer. Vivi uma bela vida em França, orgulho-me dos meus filhos, netos e bisnetos. Não preciso de mais nada. Vivi momentos muito difíceis, mas tenho a sorte de estar viva.

Tua Jania

Moja kochana Mamunia.

Gdy przyjechałam tutaj do Rennes w 1944 roku, nie przypuszczałam, że jutro się nigdy nie zobaczymy! Ty mi mogłaś poznać swoich kumcerek, a ja mi mogłam wrócić za Twojego życia do Warszawy, bo Polska była wtedy za „Żelazną kurtyną”

Tyle obawiałam się przed wojną, wymyśliłam doskonale pamiętam. Mam sklep z materiałami na Markatawskiej, mam pierwsze mieszkanie na ulicy Miatkiej, jemy ogrodnicę barleim. Ten budynek taki było później pokazaliśmy mi.

Miałam takie piękne życie z Nani w Warszawie, choć los nas nie oszczędził! I też miszmonite następie.

Pewnego dnia, zostawiłam mnie pod opieką babci, a ja umknęłam jej uwadze i wyjechałam z dnia, z 4 piętra. Margo zaledwie 2 lata, wyjechałam z tego też najpiękniejszego sadzawicy. Tym razem byłam na dół, a Ty jako wróciłaś i dowiedziawszy się co się stało, wróciłaś w cięgi kłopotu i imię. I tutaj Cię na zawsze zapamiętałam. „Ocalona” jak o mnie mówiono! I podziękowałam za ten czas, ponieważ przelotnie na przelotnie do Cytryny.

Na początku wojny bomba pożarowa spadła na nasz dom na Kapucyńskiej i nasze mieszkanie spłonęło.

Kiedy wybuchło Powstanie Warszawskie musielismy opuścić nasz dom na Danielowickiej i zamieszkać w piwnicy, w innej kamienicy. Treba było wymyślić zastawę, mogliśmy zrobić jedyną rzecz którą tylko dwie osoby. Pamiętam jak kupione na „ciasto” godzinę zioła srebro, wyjechałam do podwórka ubrałam, aby przetrwać te ciężkie czasy.

Powstaniem to było coś strasznego, było gorne mi wojna, miłot mi moim sobie tego wyobrazić. Bombardowanie od rana do wieczora, widziałam tyle zabitych i jak postrzelani wydrapivano szeptli ludzkie, aby je pochować. Pewnego dnia Powstańcy zmienili się, góły znaleźli opuszczonej przez Niemców ulicę. Nie wiedzieli, że to pułapka. Zebrało się wiele ludzi i je też tam pobiegłam. Potem wybuchł wybuchowego strachu pojęcia, zmięł z powrotem ziemi dźwiękami osób. Nie można o tym ciarce zapomnieć, dobrze, że wiele księgiek napisano o Powstaniu, wymyśliłam je czytaniu i kolekcjonuję.

Walki trwały o każdą ulicę, najbardziej zaciekłe były na Starówce, gdzie mieszkaliśmy. Pamiętam, kiedy przyni po nas Niemcy i kucyli „cytryny”. Zabrali nas w Trójkę Ciebie Tatunia i mnie. Brat walcząc wtedy w partyzantce.

Najpierw zawieźli nas do obozu przejściowego na Warszawę. Stamtąd wywieziono nas do Niemiec po ciężkim, zwichłaliśmy w wagonie dla bydła przez dwa dni do obozu koncentracyjnego w Gross-Rosen.

Na miejscu zostaliśmy rozdzieleni, mężczyźni musieli iść w prawo, a kobiety w lewo. Nie mogłam nawet pojechać z Tatariem, nie miałam wtedy, że go już nigdy nie zobaczę. Brat szukał go później przy Czerwonym Krzyżu, ale bez skutku.

Młodo mi się rozstać z Tobo, bo słyszałam, że mam 14 lat. Choć tyle lat już minęło, pamiętam tę okropną chwilę, gdy nas demontowano kmpupami demobilizacjami, które spływały po naszych ciałach i paliły skóry. Karano nam rozbraić się do naga, po nas pierwszy sidiatam się w tak upokarzającej sytuacji.

Przymusiłono nas do pracy w gospodarstwie rolnym. To było o wiele międszy ciężkiej kradwki, ale pomyślniej mieliśmy co jeść. Miodok kmpów mi robił na nas już żadnego wrażenia, pomyśleliśmy się do tego i to było okropne.

Tam poznałam François, francuskiego więźnia i zakodowali się w robie. Księżka udało mi się słuchać. Dupli Bogu, uwolnili nas Amerykanie a nie Rosjanie. I wtedy moje drogi rozstały się. Nie pojedziałem z nami do Francji, bo chciałem wrócić do Harnawy, odwiedzić swojego Męca i Sina.

A my pojedzieliśmy do Rennes i było nam bardzo dobrze na początku. Mąż otrzymał stary zestaw instrumentów dętych i bardzo dobrze zarabiał. Najpierw urodziła się Franca, a później Karla. Mąż odjechał po kilku latach. Nie miałam zencie dobrze mówić po francusku, ale miałam pracowaci i radzić sobie sama. Na szczęście znalazłam bardzo dobrego Indu, który mi pomógł i zatrudnił mnie.

Po nas pierwszy sidiatam do Polski w 1967 roku. Ciężko już mi było. Nie znalazłam nic ze świata który znalazłam, bo Harnawa została całkowicie zniszczona. Ulice są poswiecony, murego nie poznałam oprócz Atarówki, która została starannie odbudowana.

Nie jeździł już do Polski, bo mi miał tam miłego. W Rennes, znalazła znalazła stowarzyszenie „Colonia”, cieniła, że może się spotkać z rodakami, że jest biblioteka z polskimi książkami. Odkąd zaczęła mówić francuski przystąpiła zwanta, ciszej mówi po polsku niż po francusku.

Od ponad pół wieku mieszkam w moim aktualnym mieszkaniu na ulicy Arthur Quentin.

Bardzo lubię to miejsce, tu jestem u siebie i tu chciałabym umrzeć.

Miałam dobre życie w Francji, dobre dzieci, wnuczki i prawnuczki. Nie potrzebuję niczego więcej. Inne życie cięles momenty, ale miałam najlepszą życie.

Troja Maria

Jarina Sałepcka



MANUEL RÍOS

Santiago, Chile
Rennes, França

Olá Flaco!

Há bastante tempo que eu queria escrever-te, se não o fiz, foi por mera questão de preguiça, pois deves saber, meu amigo, que me torno um tanto mandrião com a idade. Mas bem, cá estou, as minhas lembranças ressurgem como uma cascata nos meus pensamentos. Como é o caso de todos, a minha vida é feita de muitas coisas, entre as quais as lembranças (boas e ruins) formam uma parte essencial. E tu, Flaco, tu és uma delas. Tu fazes parte, assim como a tua esposa, aliás, dessas boas lembranças, das quais nos recordaremos por toda a vida, disso estou certo. Porém, o problema é que eu nunca te disse isso, eu nunca te disse o quanto tu e a tua esposa, “la Rucia”, foram importantes na minha vida, e na minha sobrevivência... também. Aliás, acredito que sem ti, sem “la Rucia”, eu não estaria em canto algum, eu sei. É claro que existem outras pessoas que fazem parte do meu universo, desse círculo de amigos, alguns de infância, como tu. E também outras que conheci durante a minha vida. E, finalmente, os que eu não tenho o direito de esquecer, os meus camaradas que já não estão mais connosco e os que conseguiram escapar sem muitas sequelas desses combates sem fim.

Pois bem, tudo isso já pertence ao passado. Hoje, estamos longe da nossa infância, vivida nas ruas e alamedas empoeiradas da “Población Venezuela”, da rua Pedro Donoso e seus arredores. Olho para todo esse passado por meio dessa espécie de retrovisor que é a vida. E, nesse retrovisor, eu vejo todo o caminho percorrido. Vejo imagens, pessoas, lugares. Vejo os meus antigos camaradas de escola, do liceu, da faculdade... não, vais-te rir, não da faculdade, nunca a frequentei, apenas quando ia à faculdade de arquitetura do “Cerdón cerrillos maipú” participar nas assembleias políticas. Como já o sabes, e até melhor do que eu, naquela época, a juventude chilena era profundamente envolvida nos processos de mudanças iniciados por Salvador Allende.

Ao mesmo tempo, também te vejo, a jogar futebol com as cores da equipa do “Deportivo Rungue”. Lembras-te que eu jogava na equipa do “Deportivo San Felipe”? Éramos rivais no campo, mas sempre amigos na vida. Essas partidas de futebol podiam durar horas e horas a fio. Só parávamos ao cair da noite ou quando um vizinho, irritado, literalmente nos confiscava a bola... enfim, divertíamo-nos imensamente. Tenho a impressão de que, no “campo”, para nós, jogar futebol era uma paixão, certamente, mas também creio que significava algo mais. Para mim, ao menos, também era algo sério, acreditava jogar como se já fosse ou para me tornar um grande profissional. No campo... ou melhor, na rua, eu era obcecado pela ideia de me apropriar da bola, driblar, atirar, fazer passes, a única coisa que me interessava era brilhar. Lembro-me que tu também eras um jogador extremamente hábil, pois sim! É verdade que tu jogavas finamente o tempo todo, tratavas a bola com grande elegância, digamos um tanto à moda de “Chamaco Váidez”. Mas enfim, não era apenas uma questão de futebol.

Sim, é verdade que naquela época, no Chile, a marmitta social estava a ferver, “o processo”, como tu mesmo o definiste, avançava apesar de suas contradições flagrantes. Mas a ameaça do golpe de estado surgia no horizonte. Já éramos militantes no MIR, éramos jovens, despreocupados, digo até mesmo sonhadores, mas sem nunca perder o rumo. Quem diria que queríamos mudar esse mundo... sem saber que, alguns anos mais tarde, esse combate seria a causa do nosso exílio, do ostracismo, e nos forçaria a viver noutras latitudes.

Agora, em relação aos atentados, sei que também estás chocado com o que ocorreu em Paris. Claro, porque as notícias da frente também chegaram ao Chile... quero dizer, as notícias sobre esses horríveis atentados cometidos pelos loucos de Alá. Também deves saber que aqui a emoção ainda é muito grande, é natural, até mesmo lógico. O único ponto negativo disso tudo é que as pessoas estão paralisadas,

perdidas. Isso impede-nos de analisar e compreender a motivação, o porquê da coisa, e por que a França é alvo desses salafistas, desses terroristas sanguinários. Digo-te isso porque, ao ouvir os média e os representantes do Estado, temos a impressão de que isso caiu do céu, como se fosse a “maldição de Malinche”. Ora, visto o espírito guerreiro das castas no poder, tudo nos dava a entender que isso poderia acontecer um dia. Pois foi o que aconteceu! Além disso, quero crer que a França não saiu do seu marasmo, da sua grande ideia imperial, desse passado colonial que ainda a faz sonhar. Porém, o país está a ser agarrado pelos seus próprios demónios, está a ser devorado por esses monstros horríveis que voluntariamente nutriu em abundância, na Síria e noutros lugares. Esses monstros que ela acreditava já estarem dominados, dos quais acreditava poder fazer uso impunemente como uma força de ataque para derrubar esse ou aquele regime. E o desdém latente pelo mundo muçulmano fez o resto. Ainda que digam o contrário. Também dizemos que França paga a sua submissão desenfreada aos EUA. O Ocidente, seus amigos e aliados, uniram-se todos profundamente, movidos por uma ideia de dominação do mundo e determinados a dar azo às armas, a arrombar os cadeados (ou países) que formam um obstáculo a esses caminhos de conquista. De Gaulle soube dizer não às injunções imperiais dos EUA. Hoje, pelo contrário, a França prefere rebaixar-se diante do grande império. França, no seio da sua história, gerou gente corajosa e de valor, mas hoje, aqui, *c'est le temps des caniches*.

Pronto, quanto a isso já basta. Mas diz-me, como vai Cecilia, a tua bela esposa...? estou a gracejar, quero dizer, a tua companheira, também é verdade que ela é uma bela mulher. Mas sem querer ser demagogo, penso que ela é, principalmente, uma bela pessoa. Manda-lhe um grande abraço meu, assim como às tuas quatro filhas. Francamente, todas elas são simplesmente adoráveis. Aliás, não sei se já te tornaste avô. Pois eu lembro-me frequentemente das tuas filhas, principalmente durante a minha estadia furtiva em vossa casa, em 1982. Elas ainda eram pequenas, lembro-me que vocês moravam ao lado do cemitério israelita de Santiago, ao fundo víamos o impressionante monte Manquehue e, bordadas de norte a sul, tínhamos as belas colinas de San Cristobal. Aliás, não era muito longe da casa dos meus pais, o que não era algo muito tranquilizador. Eu já era procurado pela CNI. Lembro-me bem da situação. Tinha decidido ir ver-vos com a intenção de vos pedir ajuda, para albergar-me em vossa casa durante alguns dias, até encontrar outro esconderijo. E vocês, tu e a Cecilia, disseram-me OK imediatamente, sem hesitar, e foi isso o mais extraordinário, pois o medo era devastador no Chile de Pinochet. As pessoas, ainda que tivessem vontade de nos ajudar, muitas vezes recusavam por receio de represálias. Finalmente, estive convosco durante uma semana, até tive o direito de usar a pequena viatura Subaru. Ajudou-me muito... E, para terminar, soube alguns anos mais tarde que Charles Ramirez, alcunhado Beño no MIR, também tinha sido por vós albergado: clandestino como eu, Beño foi embora uma manhã, muito cedo, no final da sua estadia em vossa casa, pois devia participar numa grande operação armada conduzida pelo MIR em pleno coração de Santiago. Eram um total de vinte e cinco combatentes decididos e prontos para golpear a Tiranía, porém, infelizmente, no final da batalha, quando iam começar a recuar, Beño foi atingido por uma chuva de balas e morreu imediatamente... essa é a história. Peço-te desculpa, não devia ter evocado isso, sei que é difícil para vocês, mas também para as vossas filhas, pois elas adoravam Charles e eu também o respeitava muito. Eu amava-o como um homem pode amar outro. Não, não é isso! Ele não era homossexual, eu também não, aliás! Eu admirava o Charles, como também te admiro a ti, como admiro Cecilia, como amo a minha mulher, como amo os meus filhos e todos os que batalharam contra essa escória desprezível, contra essa aristocracia de miseráveis. Pronto! Estou um tanto emocionado, prefiro parar por aqui... Bom, do meu exílio longe de vocês, digo-vos... Até já!

HOY FLACO, HACE TIEMPO QUE QUERÍA ESCRIBIRTE, SI NO LO HICE FUE SIMPLEMENTE POR PEREZA. TIENES QUE SABER AMIGO MIO QUE CON LA EDAD ME HE PUESTO UN POCO HOLGAZAN. PERO QUE IMPORTA, MAS IMPORTANTE SERIA DECIRTE QUE EN ESTE MOMENTO LOS RECUERDOS ME DE BORAN. COMO TÚ, YO FREGO QUE NUESTRAS VIDAS ESTAN HECHAS DE MUCHAS COSAS, OCHO DE LOS RECUERDOS CONSTITUYEN UNA PARTE ESENCIAL TÚ FLACO, TÚ ERES UNO, ASI COMO TU COMPANERIA, EL PROBLEMA ES QUE ECONOMICA TE LO DIJE, COMO TAMPOCO TE DIJE QUE LISTEDES DOS MUCHO HAN CONTADO EN MI VIDA, Y EN MI SOBREVIVENCIA TAMBIEN, SIN LA AYUDA DE LISTEDES PROBABLEMENTE YO NO ESTARIA AQUI, LO TENGO MUY CLARO. BUENO, TAMBIEN HAY OTRAS PERSONAS QUE HACEN PARTE DE MI VIDA, DE ESE RINGULO DE AMIGOS DE INFANCIA COMO TÚ, COMO DE AQUELLOS QUE NO TENGO EL DERECHO DE OLVIDAR, MIS CAMARADAS DE SA PARECIDOS, ASI COMO DE AQUELLOS QUE COMBATIERON A LA TIRANIA Y SOBREVIVIERON. ES CIERTO, TODO ESO YA PERTENECE AL PASADO. HOY DIA ESTAMOS LEJOS DE NUESTRA INFANCIA VIVIMOS EN ESAS POLVORIENTAS CALLES DE LA POBLACION VENEZUELA, DE LA CALE PCORD OCHOSO, SUS ALREDEDORES. YO MIRO ESE PASADO A TRAVES DE ESTA ESPECIE DE RETROVISOR QUE TIENE LA VIDA, Y ALLI YO VEO CURITO, IMÁGENES, PERSONAS, LUGARES, INTIMIDAD. VEO A MIS AMIGUITOS DE LA PRIMARIA, DEL LICEO, DE LA UNIVERSIDAD... NO! YO SE QUE TE VAS A REIR PUESTO QUE YO NUNCA FUI A LA UNIVERSIDAD, SI NO ERA A LA FAC DE ARQUITECTURA DEL "CORDON CERRILLOS NAIDU", A PARTICIPAR EN DEBATES POLITICOS, Y COMO TÚ LO SABES EN ESA ÉPOCA LA JUVENTUD CHILENA ESTABA IMPLICADA A FONDO EN EL "PROCESO" DE CAMBIOS QUE VIVIA CHILE. SIN SABER QUE AÑOS DESPUÉS ESTE COMPROMISO POR UN MUNDO MEJOR NOS ENVIARIA AL EXILIO, AL OSTRACISMO, A ERGAR EN OTRAS LATITUDES, LEJOS DE NUESTRA TIERRA. PERO TAMBIEN TE VEO JUGANDO FUTBOL, ACUERDATE, YO JUGABA EN EL DEPORTIVO "SAN FELIPE". ESAS "PICHANGAS" DURABAN HORAS Y SOLO SE TERMINABAN CUANDO UN VECINO IRRITADO POR NUESTRA OSENVOLTURA, NOS CONFISABA LA PELOTA SIMPLEMENTE. EN LA CANCHA, MAS BIEN EN LA CALE, UNO ESTABA OSESIONADO POR HACERSE DE LA PELOTA, UNO QUERIA BRILLAR Y MOSTRAR TAMBIEN QUE UNO ERA MUY BUENO, UN CRAC. PINTAS, TÚNELES, ENGANCHES, ES O ERA PUNTA ALCAÑA, ALBORZO. ME QUEREO QUE TÚ ERAS MUY TÉCNICO, JUGANDO SIEMPRE SIN FINERA, CON ELEGANCIA, DICAMOS UN POCO A LA JOHN CRUYFF. PERO CLARO EL FUTBOL NO ERA TODO. EN ESA ÉPOCA LA MARMITA SOCIAL HERVIA EN CHILE. EL PROCESO, COMO DECÍAMOS, A PESAR DE SUS FLAGRANTES CONTRADICCIONES ERA P'JOZANTE Y NADA PARECIA PARARLO. PERO EN EL HORIZONTE LA ATENAZA DE GOLPE DE ESTADO SE PERFILABA. AMBOS YA MILITABAMOS EN EL MIR. ÉRAMOS JÓVENES, SOÑADORES, PERO NO PERDIAMOS LA BRÚJULA, PENSAR QUE QUERÍAMOS CAMBIAR EL MUNDO... PASANDO A OTRA COSA, ESTOY SEGURO QUE TÚ TAMBIEN DEBES ESTAR ASQUEADO POR LOS ATENTADOS DE PARIS, CLARO PORQUE EN CHILE TAMBIEN HAN LLEGADO LAS NUEVAS VENIDAS DEL "FRENTE"... HAGO OMSION A LOS ATENTADOS COMETIDOS POR LOS FANÁTICOS DE ALLAH. TIENES QUE SABER QUE AQUI LA EMOCION ES INMENSAS, PERO ES NATURAL, EL PROBLEMA ES QUE LA GENTE TIENE MIEDO Y ESTA PARALIZADA, PERDIDA. ES O LES IMPIDE DE ANALIZAR, DE COMPRENDER EL PORQUE DE LA COSA, EL PORQUE FRANCIA ES EL BLANCO DE ESTOS SALTAFISTAS, DE ESTOS TERRORISTAS SANCIONARIOS. TE CUENTO ES O PORQUE AL LEER LA PRENSA Y ESCUCNAR LAS DECLARACIONES OFICIALES TE DEJAN LA IMPRESION QUE ESTO CAYO DEL RIELO, ASI NO MAS, COMO UNA MALDIEION DE MALINCHE. SIN ENBARGO EL ESPIRITU GUERRERO DE LAS CASTAS DOMINANTES, OABAN A ENTENDER QUE UN DIA ESTO PODIA PASAR. Y PASO! OESCARICAMENTE. ADEMÁS TENGO LA SENSACION DE CREER QUE FRANCIA NO HA ABANDONADO SU GRAN IDEA IMPERIAL. DE ESE PASADO PASADO COLONIAL QUE LA JUELVE LOCA, ASI EN LA MISMA SE HIZO DEVORAR POR SUS PROPRIOS DEMONIOS, Y ESTA SIEMPRE DEVASTADA

MORALMENTE POR ESOS MOTIVOS HORRIBLES, A LOS CUALES ELA MISMA HA NUTRIDO GENEROSAMENTE EN SIRIA Y EN OTROS PAISES. DE ESOS MOTIVOS QUE ELA PRECISA HABERLOS DOMADO YA, QUE ELA PRECISA PODER SERVIRSE IMPUNEMENTE, UTILIZÁNDOLOS COMO UNA FUERZA MILITAR PARA HACER CAER TAL O TAL RÉGIMEN. DESPUÉS ESE DESPRECIO LATENTE POR LOS VASALLOS DE LA 'BANLIEU' HAN HECHO EL RESTO. TAMBIÉN SE DICE QUE FRANCIA ESTÁ PAGANDO SU SUMISIÓN A LOS EEUU. TÚ PODRÁS VER QUE EL OCCIDENTE, SUS AMIGOS Y SUS ALIADOS ESTÁN UNIDOS EN UN PACTO DE MUERTE SOBRE UNA IDEA DE DOMINACIÓN DEL MUNDO Y DECIDIDOS A HACER HABLAR LAS ARMAS, HASTA HACER SALTAR LOS ESCULOS (PAISES) QUE CONSTITUYEN OBSTÁCULOS EN SUS CUNZAS DE CONQUISTA. CHARLES DE GAULLE EN SU TIEMPO SUPO PARAR EN SECO LAS INCCENTENCIAS IMPERIALES DE USA. HOY DÍA AL PONTRARIO, FRANCIA HA PREFERIDO VENDERSE AL MEJOR POSTOR, SOMETIÉNDOSE SIN DECORO A LA HEGEMONÍA DEL GRAN IMPERIO. LO TRISTE ES QUE ESTE MISMO PAÍS EN SU HISTORIA HA PRODUCIDO GRANDES PENSADORES, FUE UNA DE LA REVOLUCIÓN, Y ES TRISTE VERLA CONVERTIDO EN EL TERROR FALDERO A LOS ESTADOS UNIDOS. PERO BUENO, EL TEMA ES LARGO, AÍME MEJOR COMO ESTÁ FELICIA, LA BELLA... NO! ESTOY Bromeando, QUIERO DECIR TU COMPAÑERA, ES VERDADA QUE ES UNA BELLA MUJER, PERO SIN QUERER SER DEMAGOGO, DIGASO QUE ES SOBRETUDO UNA LINDA PERSONA QUIERO QUE LA ABRASES MUY FUERTE, COMO TAMBIÉN A TUS HIJAS. TAMBIÉN ACUERDO SEGUIR DE TUS HIJAS, DESPUÉS DE MI FUATIVA ESTABA EN VUESTRA CASA EL AÑO 1982. ELAS ESTABAN AUN CHIGUITAS, USTEDES VIUIAN ALADO DEL CEMENTERIO ISRAELITA DE SANTIAGO, AL FONDO ME QUERDO, SE VEIA EL IMPRESIONANTE MONTE MANQUEHUE, Y FLAN QUERDO DE NORTE A SUR POR LA CABETA MONTAÑOSA DEL SAN PRISTOBAL, NO LEJOS DE LA CASA DE MIS PADRES, CUSA QUE ERA PELIGROSA POR ESTAR ESTA CASA VIGILADA POR LA ENI (POLICIA POLITICA). YO ME ACUERDO MUY BIEN DE LA SITUACIÓN. YO HABIA DECIDIDO IR A VER LOS EN LA IDEA DE PEDIRLES AYUDA, YO IBA CONTENTO, PERO PREOCUPADO, YO QUERIA QUE USTEDES ME ACOGIERAN UN PAR DE DIAS, JUSTO EL TIEMPO DE ENCONTRAR OTRO ESCONDITE. ME ACUERDO BIEN, USTEDES SIN QUERER ME DIZENDON ALTIRO QUE SI. Y FUEESO LO EXTRAORDINARIO, YA QUE EL MIEDO HACIA ESTRACOS ENTRE LOS CHILENOS. AL FINAL ME QUEDÉ UNA SEMANA CON USTEDES, INCLUSO ME PRESTARON EL FLAMANTE AUTO SUBARU Y QUE TANTO ME SIRUIÓ. DESPUÉS, PARA TERMINAR, SUPÉ QUE CHARLES RAMIREZ, CONOCIDO COMO "BEÑO" EN EL MIR, TAMBIÉN HABIA SIDO ACOGIDO POR USTEDES. BEÑO TAMBIÉN ERA UN PLAN DESTINO. AL FINAL DE SU ESTADIA, UNA MAÑANA DE JUNIO, PARTIÓ TEMPRANO DE TU CASA, IBA A PARTICIPAR EN UNA GRAN OPERACIÓN ARMADA DEL MIR EN PLENO SANTIAGO. 25 COMBATIENTES ERAN, DESGRACIADAMENTE AL CONQUIR LA OPERACIÓN BEÑO FUE ALCANZADO POR UNA RÁFAGA EN ALENO CORAZÓN, Y ALLÍ CAYÓ PARA SIEMPRE MUERTO EN COMBATE. QUISIERA PEDIRLES DISCULPAS POR HABER EVOCADO ESTE TRISTE EPISODIO, YO SÉ QUE PARA USTEDES FUE DURO ESTE GOLPE, INCLUSO PARA VUESTRAS HIJAS, YA QUE ELAS TAMBIÉN ADORABAN AL BEÑO, COMO YO TAMBIÉN LO QUERIA, YO LO QUERIA COMO SOLO UN HOMBRE PUEDE QUERER A OTRO HOMBRE. NO! NO! NO SE EQUIVO QUEN, CHARLES NO ERA HOMO, YO TAMPUCO A PROPOSITO YO LO ADMIRABA, COMO YO LOS ADMIRO A TODOS USTEDES, LINDA FAMILIA, COMO YO AMO A MI MUJER, COMO AMO A MIS HIJOS Y A TODOS AQUELLOS QUE COMBATIERON A ESTA ESCORIA MILITAR, A ESTA ARISTOCRACIA DE MISERABLES, BUENO DESDE MI EXILIO LEJANO ME SIENTO UN TANTO ENOCIADO, LEJOS DE USTEDES LEJOS DE MI TIERRA PREFIERO DECIRLES HASTA PRONTO, HASTA SIEMPRE AMIGOS. MANUEL FRANCIA ABRIL 2016



PALOMA FERNÁNDEZ SOBRINO

Puertollano, Espanha
Rennes, França

Minha Querida Avó Nicasia,

Eu amo-te e sinto saudades tuas.

Foste embora e não pude dizer-te adeus, as tuas últimas palavras não existem.

Ainda sinto o teu cheiro impregnado em todas as minhas lembranças de infância, minha infância na Mancha, minha pequena infância num lugar do qual ninguém se lembra.

Agora, estás morta.

Escrevo-te esta carta para pedir perdão, porque não pude ir ao teu enterro. Eu tentei. Quando soube que nos deixaste, corri para Paris para apanhar um comboio, mas precisamente, o que deveria levar-me ao teu enterro em Aldea del Rey, teve um problema e foi retido em Paris a noite inteira, na estação de Austerlitz. Lembrar-me-ei para sempre dessa noite, a dormir dentro de um comboio que jamais chegaria a Espanha; aquela noite iniciou toda a minha tristeza. Recordo-me do frio de Paris, da neve e do nome de Austerlitz. E lembro-me de mim mesma, imóvel, incapaz de evitar tamanha imobilidade. Imóvel dentro de uma estação de comboios estrangeira, cercada de pessoas estrangeiras que não te conheceram e que não podiam compreender a minha dor.

Agora o nome Austerlitz faz parte da minha vida, Austerlitz e a tua morte. A distância entre Austerlitz e o lugar onde repousas.

Precisei de muito tempo para aceitar a tua ausência. É realmente possível superar a perda de alguém tão essencial à nossa própria existência? Para mim, tu és, foste e sempre serás um verdadeiro pilar.

Sei que me ensinaste o essencial, o invisível e o que não se diz, sei que é graças a ti que eu resisto.

Queria muito ter a tua força.

Queria muito ter podido mostrar-te a Torre Eiffel e a Bretanha.

Estou certa de que ficarias orgulhosa de mim, porque eu faço o que amo, ainda que saiba que não compreenderias o meu trabalho, nem a arte contemporânea, nem todas essas abstrações que rodeiam a minha vida.

Aqui, eu estudei na Universidade, ficarias muito feliz com isso. Eu também fiquei muito feliz por ter estudado numa Universidade francesa.

Sei que estarias orgulhosa de mim porque eu sou uma pessoa boa.

Ficarias feliz de conhecer o meu filho, Otto. Ele hoje tem quatro anos de idade, fala castelhano e francês perfeitamente. Sei que ririas muito por causa do seu sotaque francês.

Ter um filho num país que não é o nosso é algo muito estranho. Primeiramente, ele é francês, não é espanhol... Ele não tem o meu sotaque nem o meu modo de falar... apesar de ter ambas as nacionalidades. Às vezes diz-me: "Mãe, não quero que fale espanhol!" Mas, depois, acalma-se e, quando realmente quer alguma coisa, já sabe que deve pedir-me em castelhano...

Preciso insistir muito em relação à língua... e não quero que ele perca sua identidade ibérica, a começar pela língua castelhana; com o tempo, a sua prima Martina e o seu amigo Teix irão ensinar-lhe o catalão.

Graças ao meu filho, estou a firmar as minhas raízes em Rennes, o lugar onde ele nasceu e onde moramos.

Separei-me do pai dele há dois anos, Otto tinha apenas dois anos e meio de idade... e foi nesse instante que percebi que a minha viagem não tinha regresso.

Meu filho me prenderá para sempre à Bretanha, agora eu também sou daqui.

Morar sozinha com uma criança, sem família, num país que não é o teu, é algo muito duro. Trata-se, certamente, da provação mais difícil que a vida já me impôs.

Estou com medo, Nicasia.

Sempre me disste que não devíamos ter medo, mas eu tenho medo e não sei como não temer a tempestade nas paisagens estrangeiras.

Como não ter medo quando as pessoas que nos são mais incondicionais não estão presentes, ao nosso lado?

Espero estar à altura dos meus sonhos, espero que o medo me deixe em paz, que o futuro longínquo se aproximar...

Jamais perderei as minhas origens e, para mim, o lugar de onde venho sempre será claro, para que eu não me perca no meio do caminho...

Obrigada por me teres ensinado a amar sem condições.

Paloma

Mi querida abuela Nicosia,

Te quiero y te echo de menos.

Te fuiste y no pude despedirme, tus últimas palabras no existieron.

Aún tengo tu olor impregnado en cada recuerdo de mi infancia, mi infancia en la Mancha, mi pequeña infancia en un lugar cuyo nombre nadie recuerda. Ahora estás muerta.

Te escribo esta carta para disculparme, porque no llegué a tu funeral. Lo intenté. En cuanto supe que te fuiste corrí a París para coger un tren, pero aquel tren que debió llevarme a tu entierro en la Aldea del Rey tuvo un problema y se quedó en París toda la noche, en la estación de Austerlitz. Perroforé siempre esa noche durmiendo en un tren que nunca llegó a España, aquella noche marcó mi tristeza cesante. Recuerdo el frío en París, la nieve y el nombre de Austerlitz. Y me acuerdo a mi misma quieta, sin poder hacer nada para remediar tanta quietud. Quieta en una estación extranjera, que nunca te conocí y que no podía comprender mi dolor.

La palabra Austerlitz forma parte de mi vida. Austerlitz y el lugar donde desearas.

He tardado muchos años en hacer tu duelo.

¿Puede alguien superar realmente la pérdida de una persona fundamental para su propia existencia? Para mí eres, fuiste y serás siempre un pilar. Sé que me enseñaste lo esencial, lo invisible y lo indecible, y que gracias a ti resisto.

¿Qué tuviera tu fuerza.

¿Qué hubiera podido enseñarte la torre Eiffel y la Bretaña.

Sé que estarías orgullosa de mí porque hago lo que me gusta, aunque sé que no comprenderías mi trabajo, mi arte contemporáneo, ni todas esas abstracciones que rodean mi vida.

Aquí he estudiado en la universidad, eso te haría feliz. A mí también me ha hecho muy feliz estudiar en una universidad francesa.

Sé que estarías orgullosa de mí porque soy una buena persona.

Y sé que te hubiera hecho muy feliz conocer a Otto, mi hijo. Ahora tiene cuatro años, habla castellano y francés perfectamente pero te sería

Muchísimo soy el porque cuando habla catalán tiene acento francés.
 Tener un hijo en un país que no es el tuyo es muy extraño. Para empezar es francés, no español... no tiene mi acento, ni mi manera de hablar... aunque tenga dos nacionalidades. A veces me dice: -¡Mamá, no quiero que hables español!... pero luego se le pasa y cuando quiere algo de comida, sabe que tiene que pedirlo en catalán...

Tengo que ser muy insistente con la lengua... no quiero que pierda su identidad ibérica, para empezar el catalán y con el tiempo, en primer momento y su abuelo Teix le enseñará catalán.

Gracias a mi hijo estoy haciendo raíces en Rennes, el lugar en el que nació y en el que vivimos.

Me acordé de su padre hace dos años, Otto solo tenía dos años y medio y en ese momento supe que mi viaje era ya eterno. Otto me une a la Bretaña para siempre.

Estar sola con un niño y sin familia, en un país que no es el tuyo es muy duro. Seguramente es una de las pruebas más difíciles que la vida me ha puesto en el camino.

Tengo miedo, Nicosia.

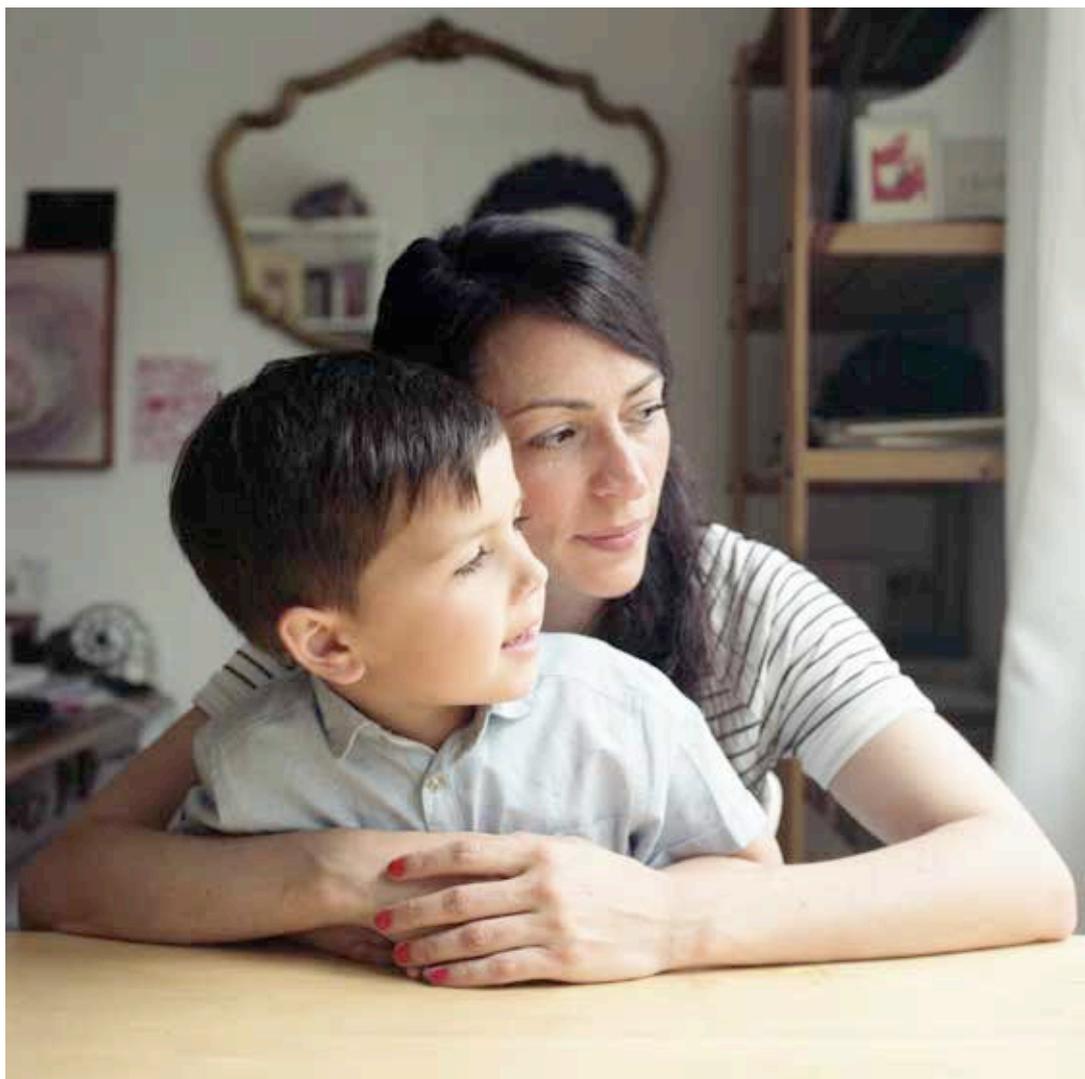
Sé que siempre me has dicho que no hay que tener miedo, pero yo tengo miedo y no sé cómo no tener miedo en plena tormenta, en paisajes extranjeros.

¿Cómo no tener miedo cuando te faltan tus incondicionales?

Espero estar a la altura de mis sueños, espero que el miedo pase y que la alegría se haga caracota...

Nunca perderé mis orígenes y siempre tendré algo de donde venir para no perderme en el camino.

Gracias por enseñarme a querer sin condiciones.



VICTOR OBERTAN

Pointe-Noire, Guadalupe
Rennes, França

Meu querido Félix,

Aqui é teu primo Victor, ou Torlor, como me conheces.

Hoje, tu o teu filho fazem parte do novo Conselho dos Deputados: o que pensas poder fazer em prol da juventude de Pointe-Noire?

Tens os meios para dinamizar esse governo. Então, hoje pergunto-me quando pensarás em retirar a nossa juventude das ruas. Pergunto-me quando criarás novos empregos.

Quando investirás no setor social e nas associações? Quando finalizarás a reflorestação da orla costeira e a reabilitação da praia do Caribe e das cascatas de Acomat, por mim iniciadas?

Neste tempo em que falamos sobre a subida do nível das águas, mas também sobre a biodiversidade, por favor, se não queres que a praia do Caribe desapareça, continua o trabalho de reflorestação que eu tinha implementado naquela época, mas que tive de abandonar porque não estavas rodeado das pessoas certas.

Com Toto Lurel, pediste que votássemos em 2012 em Hollande. Quatro anos mais tarde, vê só como ele e o seu governo nos tratam, como nos humilharam, mesmo com a Sr. Taubira ao seu lado. Aliás, ela abandonou o vagão de Valls e Hollande e tu perguntaste porquê... Veremos em 2017 o que pedirás ao governo que tomará o poder. Enquanto isso, o governo atual envenenou as nossas terras com produtos químicos sob pretexto de destruírem o gorgulho da bananeira. Eles envenenaram todo o lençol

freático, o mar e os rios. Hoje já não podemos comer os peixes do litoral de Guadalupe, de Capesterre à Sainte-Rose. Estávamos cientes do grau de perigo desses produtos, como o clordecone, e discutíamos acerca de sua proibição na França metropolitana, mas o sistema deixou-os envenenar as terras guadalupenses. Quando será que a agricultura de Guadalupe irá melhorar? Quando será que a Câmara da Agricultura proíbe esses produtos que alguns grupos agrícolas, como os do Sr. Hayot e do Sr. Despointes, continuam a utilizar?

Quando será que eles deixarão, enfim, o nosso solo íntegro, puro e sem produtos?

Quando teremos uma condenação contra esses poluidores? Quando será que o melão que eles plantam, e do qual são exportadores, se pode novamente encontrar em distribuição na metrópole? Quando será ele distribuído nas escolas públicas francesas? Porque é que as nossas exportações nunca chegam a França no prazo desejado, apesar de fazermos parte do mercado europeu orquestrado por este governo e pelo parlamento atualmente no poder e que, segundo dizem, trabalham por e para nós? Quando será que um grande plano de agricultura para Guadalupe será conduzido corretamente? Quando falo de agricultura, não falo somente da horticultura, mas sim da agricultura da cana, da banana, das laranjas, etc.

Peço-te que fales com o governo a respeito disso tudo e que me respondas.

Meus cumprimentos,

Tolor

le 29 mars, à Rennes,

Mon cher Félix,

c'est ton cousin Victor, ou bien Tolor comme tu me connais,
Aujourd'hui, toi et ton fils faites partie du nouveau conseil des députés: que penses-tu faire pour la jeunesse de pointe noire ?

Tu as les moyens de faire bouger ce gouvernement. Je me demande donc en ce jour quand est-ce que tu vas penser à retirer notre jeunesse de la rue. Je me demande quand est-ce que tu vas créer de l'emploi.

Quand est-ce que tu vas investir dans le social et les associations ? Quand est-ce que tu vas finir le reboisement de la côte et la réhabilitation de la plage des caraïbes et des chutes d'akoma que j'ai commencé ?

En cette période où l'on parle de remonté des eaux, mais aussi de biodiversité, s'il te plaît, si tu ne veux pas voir disparaître la place des caraïbes, continue le travail de reboisement que j'avais mis en place à l'époque mais que j'ai dû quitter car tu étais beaucoup trop mal entouré.

Avec Toto Lurel, tu nous as demandé de voter en 2012 pour M. Hollande. Quatre ans après, regarde comment lui et son gouvernement nous traitent, regarde comme ils nous ont humilié, même avec Mme Taubira à leur côté. Elle a d'ailleurs abandonné le wagon de valls et de hollandie et tu t'es demandé

pourquoi... Nous verrons en 2014 ce que tu demanderas au gouvernement qui arrivera au pouvoir. En attendant celui-ci a empoisonné nos terres avec les produits chimiques qu'ils avaient intégrés, avec le prétexte de détruire le charançon de la banane. Ils ont empoisonné toute la nappe phréatique, la mer et les rivières, et aujourd'hui, on ne peut plus manger de poissons de côtes en Guadeloupe, de Capesterre à Saint Rose. On savait la dangerosité de ces produits type chlordécone et on débattait de leur interdiction en France Métropolitaine mais le système les a laissés empoisonner la terre guadeloupéenne. Quand est-ce que l'agriculture ira mieux en Guadeloupe? Quand est-ce que la chambre d'agriculture interdira ces produits que certains groupes agricoles comme ceux de M. Hayot et de M. Despointes continuent d'utiliser?

Quand est-ce qu'ils laisseront enfin notre sol intact, pur et sans produits?

Quand est-ce qu'il y aura une condamnation par ces pollueurs là? Quand est-ce que le melonnier qu'ils plantent et dont ils sont exportateurs se retrouvera à nouveau en distribution en métropole? Quand est-ce qu'il sera distribué dans les écoles publiques françaises?

Pourquoi nos exportations n'arrivent jamais en France en temps voulu alors que l'on fait partie du marché européen qu'a voulu ce gouvernement et le parlement qui sont en place et qui soit disant travaillent pour nous?

Quand est-ce qu'un grand plan d'agriculture pour la Guadeloupe sera mené concrètement. Quand je parle d'agriculture, je ne parle pas seulement du maraîchage, je parle de l'agriculture cannière, bananière, des oranges, etc...

Je te demande d'en parler au gouvernement et de me répondre.

bien à toi

TOLOR



WEI ZHOU

Xining, China
Cádiz, Espanha

Queridos Pais,

Nesta carta queria contar-vos algo que nunca me atrevi a dizer-vos durante a minha estadia em Espanha.

Vocês acreditaram que eu aprendi espanhol para encontrar melhor trabalho mas, na realidade, foi por ter visto a televisão, há 10 anos, quando descobri uma arte que me tocou o coração. Chama-se flamenco e é uma variedade da dança espanhola que me fez apaixonar à primeira vista pelo seu ritmo único e dança apaixonante. Desde essa altura que o meu destino foi sempre guiado pela sua magia.

Durante o curso de Química, sacrificava os fins de semana para estudar espanhol, com a esperança de vir um dia para Espanha. Depois de muito esforço, consegui trabalhar na área do espanhol quando terminei o meu curso. Felizmente, viajei para Madrid em 2011 com uma bolsa do Instituto Cervantes e pude ver uma atuação de flamenco em direto. Chorei, tanto pela alegria de ter cumprido o sonho pelo qual lutei durante sete anos, como por vos sentir tão longe da minha vida.

Foi uma decisão arriscada, após um ano, deixar a vida de Pequim e vir para Espanha com a desculpa de fazer o mestrado. O primeiro ano em Madrid foi uma época de estudar muito na biblioteca e depois voltar a pensar que era aquilo que eu realmente procurava. No segundo ano fui para o sul de Espanha, para viver mais perto do flamenco. Cádiz foi uma das cidades onde este tesouro abunda e que me fez ficar. Para os amigos gaditanos, era tão novidade eu gostar tanto de flamenco sendo chinês, que me apresentavam sempre a artistas de flamenco.

Por fim, dei um passo mais arrojado, ao começar a aprender a dança flamenca. A minha vida ia-se afastando do “normal”; iniciei uma vida de bailarino com 26 anos. De-

dicava muitas horas nas aulas de dança, conseguindo um progresso evidente, mas os problemas da vida também se colocavam como barreiras para me impedir de avançar. Pressionavam-me o dinheiro, o estudo do mestrado, os problemas de documentação e da vida. Foi uma fase em que me senti muito impotente, ao enfrentar tantos problemas, mas ao mesmo tempo muito forte na vontade de resolver tudo por este sonho pelo qual tinha lutado muitos anos. Apesar de ter um ritmo acelerado durante todos os dias da semana, dizendo-me os meus amigos que deveria descansar um pouco, sinto uma grande satisfação e descontração com as aulas de flamenco. No final do ano de 2015 já são dois anos a aprender esta arte maravilhosamente complexa.

É assim uma curta história da minha luta “contracorrente” em Espanha. Lamento por não vos ter contado. Tenho medo que vocês se zanguem por não estar a seguir um caminho para uma vida estável. Teria encontrado um trabalho fixo, viveria perto de vocês e vocês não teriam preocupações comigo. Mas optei por não ter uma juventude tão tranquila, sem motivação, e fico muito contente por ter encontrado algo a que posso dedicar toda a minha paixão. Um desejo que me tem feito chorar é poder um dia convidá-los a visitar Espanha e poder aparecer numa atuação de flamenco para vos surpreender e vos fazer ter orgulho de mim. Oxalá o possa cumprir!

Viver no estrangeiro é uma aventura; há momentos difíceis. Mas de certeza que não sou o único que luta pelo seu sonho. Haverá mais estrangeiros que se esforçam por alcançar diferentes metas. Assim, não se preocupem, estou cada dia mais corajoso.

Um beijo,

O vosso filho seguidor do sonho

亲爱的爸爸妈妈：

在这封信里我想告诉你们一件一直没有勇气说出来的事。

你们肯定以为我学西班牙语是为了找到一份更好的工作，其实另有原因。十年前不经意地在电视上瞅了一眼，我便发现了一门感动我心灵的艺术。它叫弗拉门戈，是西班牙的一个舞种。它独特的节奏和铿锵的舞步使我一见钟情。从那时起我人生的轨迹便由它指引。

大学学化学专业的时候我牺牲周末来学习西班牙语，幻想着有一天能踏上西班牙的国土。经过不懈努力我终于在大学毕业时找到了西班牙语相关的工作。幸运的是，2011年我获得了塞万提斯学院的奖学金到马德里旅行。终于，我亲眼看到了弗拉门戈表演。我不禁流出喜悦的泪，因为实现了七年以来的梦想；但也是伤心的泪，因为弗拉门戈在我生活中是那么可望而不可及。

一年后，我做了一个大胆的决定，放弃了北京生活到西班牙读硕士。在马德里的第一年我似乎有些迷失地每天在图书馆埋头苦学。但之后我又开始重新反思我到底要的是什么。于是第二年我南下踏上了寻找弗拉门戈之路。加的斯正是一个蕴含着这一丰富的文化宝藏的城市，也就成了我的落脚点。这里的朋友觉得一个中国人喜欢弗拉门戈很新奇，便总喜欢给我介绍从事弗拉门戈的艺术家们。

终于，我又大胆地迈了一步：开始学弗拉门戈舞蹈。我的生活便脱离了正轨，因为我从26岁才开始我的舞者生涯。我花了很多时间和精力，有了明显的进步。但是生活中的种种困难接踵而来阻碍我前进。经济，硕士课程，续签签证等等的问题让我倍受压力。当时我觉得在这么多困难中有些无助，但又坚信自己会为多年来的梦想竭尽全力。虽然有些不可思议，但是我做到了兼顾硕士、舞蹈学习和工作。生活的节奏变得飞快，有人说我该抽时间休息，但其实我在弗拉门戈课上就能得到充分的满足和全身心的放松。到2015年底我就已经学了两年这门复杂又美妙的艺术了。

这就是我在西班牙的一段逆流之行。没有能坦诚地告诉你们很抱歉。我不想因为我在朝一个不稳定的生活方式发展而让你们不高兴。我本可以找一份固定的工作，生活在你们身边，不让你们为我担心。但我选择不让我的青春变得平淡和没有斗志。我为

自己找到了一份能倾注所有热情的事业而满足。一直以来我有个幻想，希望有一天能请你们来西班牙，然后我意外地现身于一场弗拉门戈表演中，给你们一个惊喜，让你们为我骄傲。真希望能梦想成真啊！

生活在国外犹如一场冒险，会有艰难的时候。但我肯定不是唯一一个为梦想在国外奋斗的人。肯定会有更多的外国人正克服着思乡之情，文化冲突和其它种种问题并为他们的目标而努力。请不要为我担心，我正一天天变得愈加坚强。

祝
身体健康，

追逐梦想的儿子



EXTRATOS: 16 RETRATOS FOTOGRAFÍCOS

16 fotógrafos contribuíram para o projeto (2 em cada uma das 8 cidades parceiras). Adotaram uma abordagem comum, destinada a colocar a sua criatividade e a sua experiência ao serviço de um trabalho fotográfico realizado em colaboração com as testemunhas. O registo fotográfico da *Enciclopédia dos migrantes* é vasto, indo da fotografia documental à fotografia plástica. Cada fotógrafo efetuou uma série de 25 retratos. A direção da criação fotográfica foi confiada a Antoine Chaudet (L'âge de la tortue).

Ficheiros HD disponíveis mediante solicitação: communication@agedela-tortue.org

FRANCE

Vincent Gouriou – Brest
Nicolas Hergoualc’h – Brest
Bertrand Cousseau – Rennes
Antoine Chaudet – Rennes
Camille Hervouet – Nantes
Laurence Brassamin – Nantes

ESPANHA

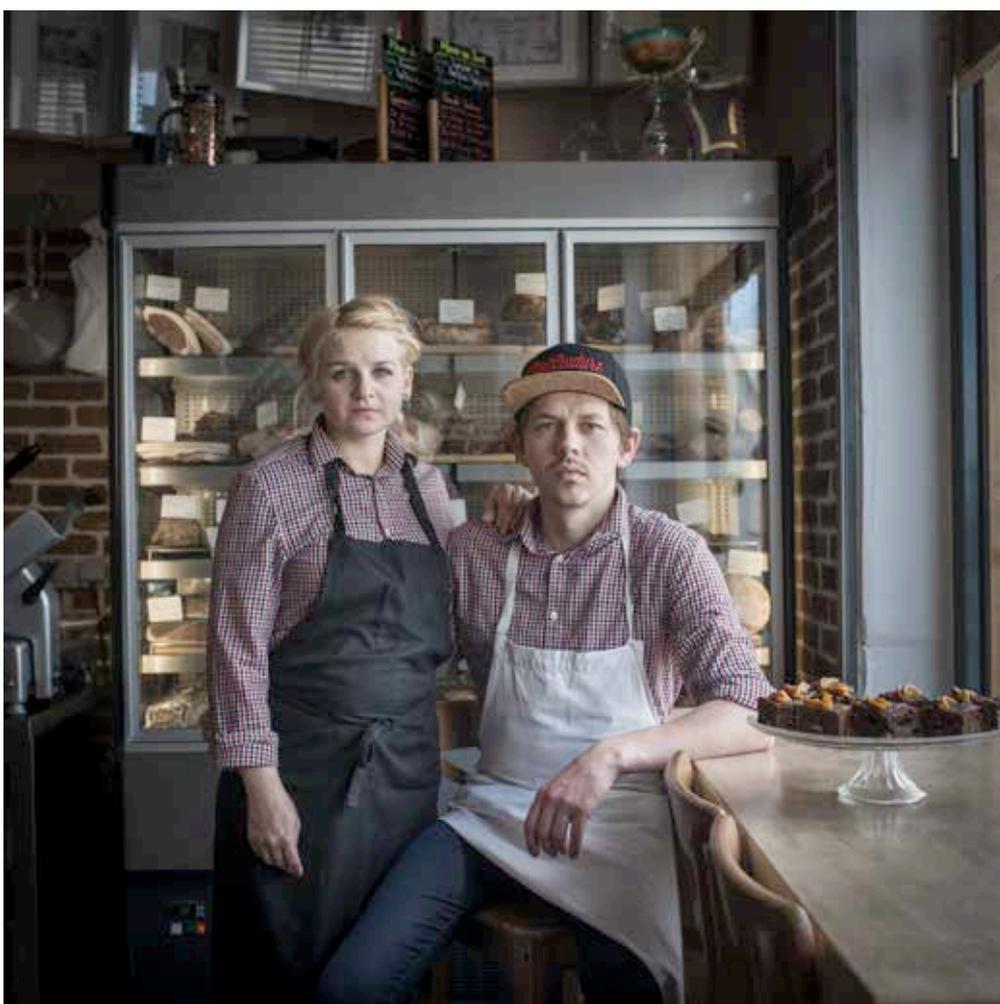
Lluc Queralt – Gijón
Laura Rodriguez – Gijón
Pedro Sara – Cádiz
Julian Ochoa – Cádiz

PORTUGAL

Antonio Pedrosa – Porto
Lara Jacinto – Porto
Pablo López – Lisboa
Carla Rosado – Lisboa

GIBRALTAR

Lizanne Figueras
Stefano Blanca



Brest

© Vincent Gouriou



Brest

© Nicolas Hergoualc'h



Rennes

© Bertrand Cousseau



Rennes

© Antoine Chaudet



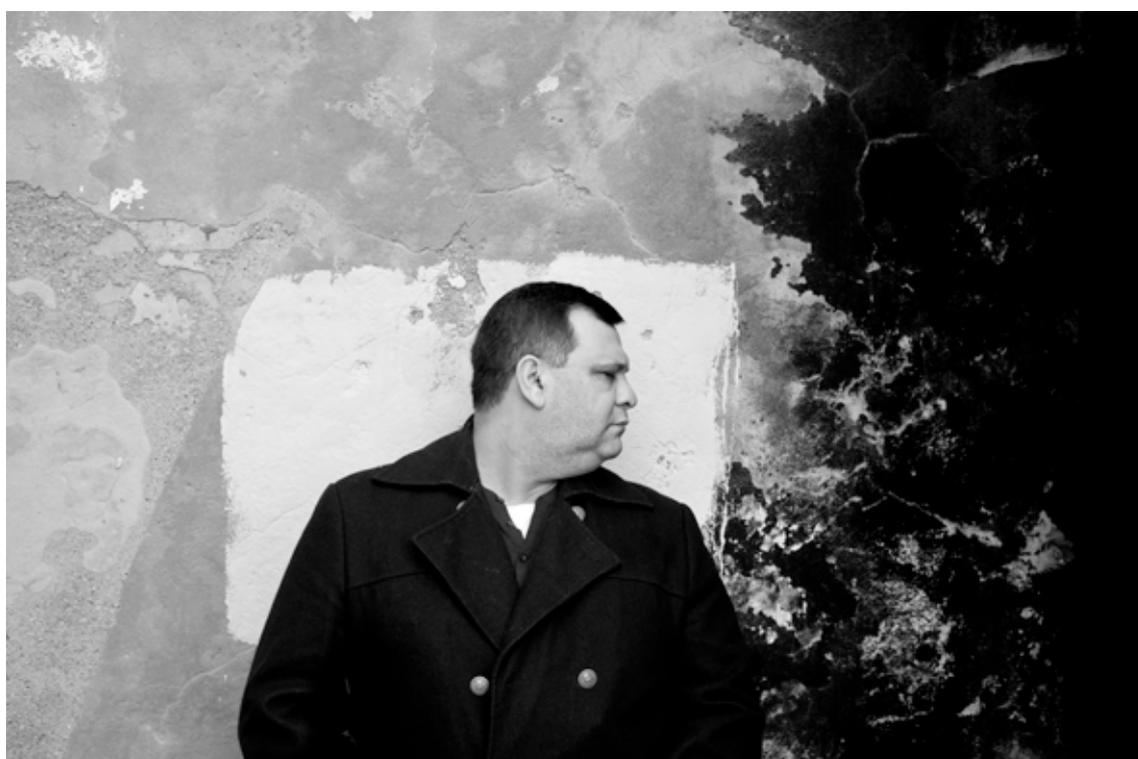
Nantes

© Camille Hervouet



Nantes

© Laurence Brassamin



Gijón

© Lluç Queralt



Gijón

© Laura Rodriguez



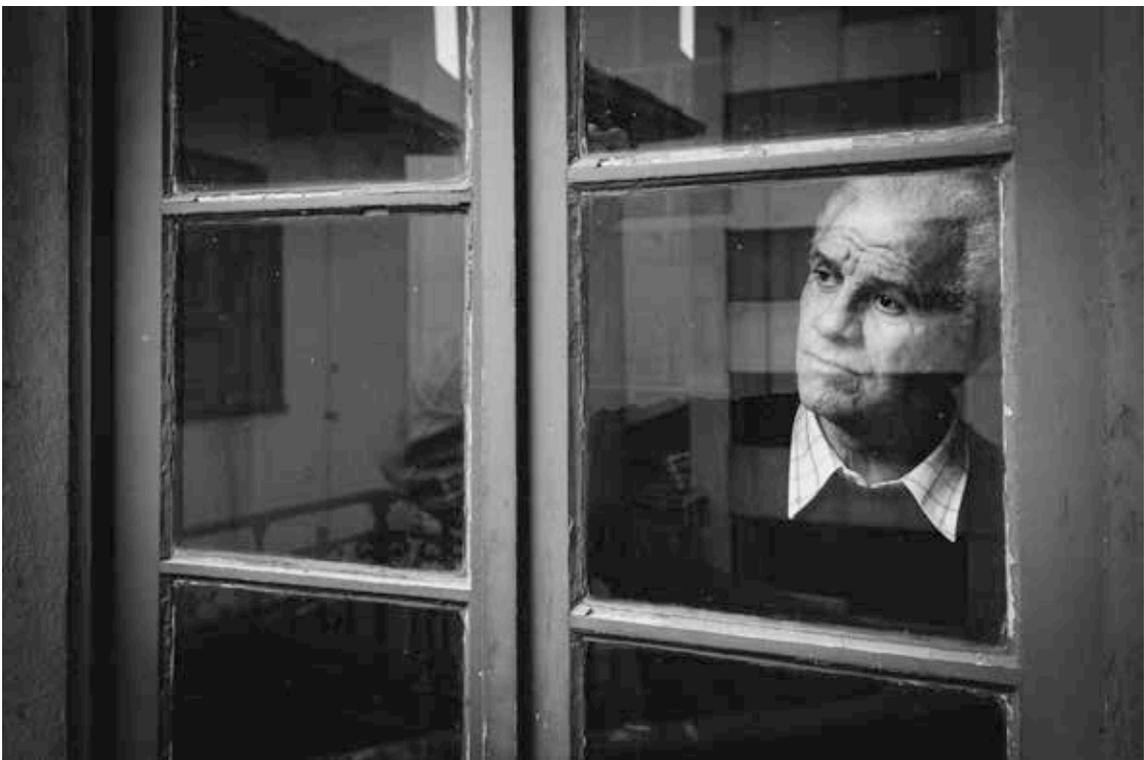
Cádiz

© Pedro Sara



Cádiz

© Julian Ochoa



Porto

© Antonio Pedrosa



Porto

© Lara Jacinto



Lisboa

© Pablo López



Lisboa

© Carla Rosado



Gibraltar

© Lizanne Figueras



Gibraltar

© Stefano Blanca

A EQUIPA DO PROJECTO

CONCEÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Paloma Fernández Sobrino

DIREÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Paloma Fernández Sobrino e Antoine Chaudet

(*L'âge de la tortue*)

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

E DIREÇÃO DA PRODUÇÃO

Céline Laflute

(*L'âge de la tortue*)

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Antoine Chaudet (*L'âge de la tortue*)

FOTÓGRAFOS

Brest: Vincent Gouriou, Nicolas Hergoualc'h, **Rennes:** Antoine Chaudet, Bertrand Cousseau, **Nantes:** Laurence Brassamin, Camille Hervouet, **Gijón:** Lluç Queralt Baiges, Laura Rodríguez, **Cádiz:** Julian Ochoa, Pedro Sara, **Lisboa:** Pablo López, Carla Rosado, **Porto:** Lara Jacinto, Antonio Pedrosa, **Gibraltar:** Stefano Blanca, Lizanne Figueras

PESQUISADORES ASSOCIADOS

David Álvarez (*Grand Valley State University, Institute for Gibraltar and Mediterranean Studies, University of Gibraltar, Gibraltar/Royaume-Uni*), Jennifer Ballantine Perera (*Gibraltar Garrison Library and Institute for Gibraltar and Mediterranean Studies, University of Gibraltar, Gibraltar/Royaume-Uni*), André Belo (*laboratoire ERIMIT, Université Rennes 2, França*), Ángel Belzunegui (*SBRLab, Universitat Rovira i Virgili, Espanha*), Andrew Canessa (*University of Essex, Royaume-Uni*), Montserrat Casacuberta Palmada (*laboratoire ERIMIT, Université Rennes 2, França*), David Dueñas (*SBRLab, Universitat Rovira i Virgili, Espanha*), Luisa Ferreira da Silva (*ASI, Portugal*), Almudena García Manso (*Universidad Rey Juan Carlos, Espanha*), Kevin Lane (*Institute for Gibraltar and Mediterranean Studies, University of Gibraltar, Gibraltar/Royaume-Uni*), Gudrun Ledegen (*laboratoire PREFics, Université Rennes 2, França*), Anne Morillon (*collectif Topik, Rennes, França*), Belkis Oliveira (*ASI, Portugal*), André Pereira Matos (*Universidade Portucalense, Portugal*), Ramón Pérez de Lara (*Escuela de Bellas Artes, Cádiz, Espanha*), Vasco Salazar (*ASI, Portugal*), André Sauvage (*IAUR, Université Rennes 2, França*), Thomas Vetier (*laboratoire PREFics, Université Rennes 2, França*)

COORDENAÇÃO NACIONAL

França: Céline Laflute (*L'âge de la tortue*), **Espanha:** David Dueñas (*Universitat Rovira i Virgili*), **Portugal:** Belkis Oliveira et Vasco Salazar (*ASI*), **Gibraltar:** Kevin Lane (*Ministry of Sports, Culture, Heritage and Youth of Gibraltar*)

COORDENAÇÃO LOCAL

Brest: Armelle Kermorgant (*ABAAFE*), **Rennes:** Céline Laflute (*L'âge de la tortue*), **Nantes:** François Prochasson e Vanessa Durand (*MCM*), **Gijón:** Andrés Bolaños Vidal e Tamara Ortega (*Tragacanto*), **Cádiz:** Cristina Servan (*APDHA*), **Lisboa:** Filipa Bolotinha (*Renovar a Mouraria*), **Porto:** Nídia Azevedo (*ASI*), **Gibraltar:** Kevin Lane (*Ministry of Sports, Culture, Heritage and Youth of Gibraltar*)

PESSOAS DE CONTACTO

Brest: Marie-Lise Martins e Sarah Moune, **Rennes:** Thierry Deshayes, Paloma Fernández Sobrino e Thomas Vetier, **Nantes:** Catherine Liabastre e Bernard Vrignon, **Gijón:** Andrés Bolaños Vidal e Tamara Ortega, **Cádiz:** Milouda El Hankari El Bouzidi e Kanita Mukanovic, **Lisboa:** Cátia Lopes, **Porto:** Nídia Azevedo e Marylin Oliveira, **Gibraltar:** Shane Dalmedo e Jonathan Santos

REFERENTES DAS CIDADES PARCEIRAS

Brest: Philippe Lorreyte (*Direction Culture et animation, Ville de Brest*), **Rennes:** Sarah Ansari (*Direction Associations Jeunesse Égalité, Mission Égalité, Ville de Rennes/Rennes Métropole*), **Nantes:** Irène Gillardot (*Direction Patrimoine et archéologie, Ville de Nantes*), **Gijón:** Enrique Rodríguez Martín (*Departamento de Iniciativas Internacionales y Asuntos Europeos, Ayuntamiento de Gijón*), **Cádiz:** Carmen Montes e María Gallego (*Fundación Municipal de Cultura, Ayuntamiento de Cádiz*), **Lisboa:** Manuel Veiga e Anick Bilreiro (*Direção Municipal de Cultura, Câmara Municipal de Lisboa*), **Porto:** Maria João Rodrigues Sampaio e Anna Luisa Ramos (*Biblioteca Pública Municipal do Porto, Câmara Municipal do Porto*), **Gibraltar:** Kevin Lane (*Ministry of Sports, Culture, Heritage and Youth of Gibraltar, HM Government of Gibraltar*)

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ángel Belzunegui e David Dueñas (*Universitat Rovira i Virgili, Espanha*), Gudrun Ledegen (*laboratoire PREFics, Université Rennes 2, França*)

REFERENTES CIENTÍFICOS NACIONAIS

França: Gudrun Ledegen, Thierry Bulot (*laboratoire PREFics, Université Rennes 2*) e Anne Morillon (*collectif Topik, Rennes*), **Espanha:** Ángel Belzunegui e David Dueñas (*Universitat Rovira i Virgili*), **Portugal:** Luisa Ferreira da Silva (ASI), **Gibraltar:** Jennifer Ballantine Perera (*Gibraltar Garrison Library and Institute for Gibraltar and Mediterranean Studies, University of Gibraltar, Gibraltar/Royaume-Uni*)

REFERENTES “REVISÃO E PERSPETIVAS”

Anne Morillon (*collectif Topik, Rennes, França*)

CONTRIBUTO PARA A COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO NO BAIRRO DE BLOSNE

André Sauvage (*Institut d'aménagement et d'urbanisme de Rennes, Université Rennes 2*)

ACOMPANHAMENTO NO DESENVOLVIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DO PROJETO

Jean-Barthélemy Debost (*Musée national de l'histoire de l'immigration, Paris, França*)

COMUNICAÇÃO

Direção: Antoine Chaudet (*L'âge de la tortue*) em colaboração com todos os coordenadores nacionais e locais

ACOMPANHAMENTO ADMINISTRATIVO

Cécile Messenger e Claire Bizien (*L'âge de la tortue*)

CRIAÇÃO GRÁFICA

Direção: Antoine Chaudet (*L'âge de la tortue*), Pesquisa gráfica para o esboço da obra: Lénaïg Friguel (*LISAA*), Pesquisa documental: Aurore Chapon (*L'âge de la tortue*), Paginação: Marion Bazoge, Geoffrey Rebillou e Margaux Rollando (*L'âge de la tortue*)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Sophie-Laure Gresse (*L'âge de la tortue*)

TRADUÇÃO

Inpuzzle (*Rennes, França*) e o conjunto de pessoas que contribuíram para a tradução das cartas manuscritas redigidas na língua materna dos migrantes para a língua do país de acolhimento (francês, espanhol, português ou inglês)

IMPRESSÃO

MediaGraphic (*Rennes, França*)

ENCADERNAÇÃO

Maison Vitoz (*Bédée, França*)

TIPOGRAFIAS

Stuart Pro NONPAREILLE (*Matthieu Cortat*), Avenir (*Adrian Frutiger*)

DESENVOLVIMENTO DA PAGINA INTERNET

Amélie Murie, Yann Garandel e Arnaud Robin (*CREA, Université Rennes 2, França*) → www.encyclopedie-des-migrants.eu

REALIZAÇÃO DA VERSÃO DIGITAL DA ENCICLOPÉDIA

Coordenação: Antoine Chaudet (*L'âge de la tortue*) e Amélie Murie (*CREA, Université Rennes 2*), Desenvolvimento: Arnaud Robin e Yann Garandel (*CREA, Université Rennes 2*), Criação da interface gráfica: Geoffrey Rebillou, Marion Bazoge e Margaux Rollando (*L'âge de la tortue*)

REALIZAÇÃO DO FILME DOCUMENTAL

Realização: Frédéric Leterrier, Co-realização e coordenação: Benoît Raoulx, Assistência na filmagem e montagem: Martin Benoist, Benoît Curial e Margaux Verove (no âmbito de uma ação do programa “Film et Recherche en Sciences Humaines” (*FRESH*) [Cinema e Pesquisa em Ciências Humanas] em conjunto com a Maison de la Recherche en Sciences Humaines de l'Université de Caen-Normandie (*MRSH*) e a Maison des Sciences de l'Homme en Bretagne (*MSHB*))

PARCEIROS

CO-ORGANIZADORES

- Associação L'âge de la tortue (Rennes, France)
- Universidade Rovira i Virgili (Tarragone, Espanha)
- ASI – Associação de Solidariedade Internacional (Porto, Portugal)
- Laboratório de pesquisa PREFics da Universidade Rennes 2 (Rennes, France)
- Musée de l'Histoire de l'Immigration (Paris, France)
- Ministry of Sports, Culture, Heritage and Youth de Gibraltar, HM Government of Gibraltar
- Cidades de Brest, Rennes, Nantes, Gijón, Porto, Lisbonne, Cadix e Gibraltar

PARCEIROS ASSOCIADOS

- Associação ABAAFE (Brest, France)
- Mediateca François-Mitterrand – Les Capucins (Brest, France)
- DRJSCS (Région Pays de la Loire Nantes, France)
- La Maison des citoyens du monde (Nantes, France)
- Bibliotecas públicas de Nantes (Nantes, France)
- Associação Tragacante (Gijón, Espanha)
- Associação APDHA (Cadix, Espanha)
- Centro de arte contemporânea ECCO (Cadix, Espanha)
- Associação Renova a Mouraria (Lisbonne, Portugal)
- Universidade Portucalense (Porto, Portugal)
- CREA – Centre de Ressources et d'Études Audiovisuelles da Universidade Rennes 2 (France)
- FRESH – Filmer la recherche en sciences humaines (Caen et Rennes, France)
- Colectivo TOPIK (Rennes, France)
- Institut d'Aménagement et d'Urbanisme de Rennes (France)
- Laboratório de pesquisa ERIMIT da Universidade Rennes 2 (France)
- LISAA (Rennes, France)
- Universidade de Gibraltar
- Biblioteca Garrison de Gibraltar
- Mario Finlayson Art Gallery (Gibraltar)
- Conferência das Cidades do Arco Atlântico
- Institut Français de Lisboa (Portugal)
- Biblioteca des Champs Libres (Rennes, France)
- Musée de Bretagne (Rennes, France)
- Archives municipales de Rennes (Rennes, France)
- Le Triangle, cité de la danse (Rennes, France)
- Biblioteca Garrison de Gibraltar (Rennes, France)
- L'Hôtel Pasteur (Rennes, France)
- Les Tombées de la Nuit (Rennes, France)
- Associação Un toit c'est un droit (Rennes, France)
- Associação La Cimade (Rennes, France)

CO-FINANCIADORES

O projeto é apoiado pela Comissão Europeia (programa Erasmus+), Institut Français, Cidade de Rennes, Rennes Métropole, Conseil régional de Bretagne, Conseil départemental d'Ille-et-Vilaine, Ministère de la Culture et de la Communication – Direction Régionale des Affaires Culturelles, APRAS e Fundação SNCF.

Este projeto foi possível graças à cooperação do conjunto de parceiros, nomeadamente:

CO-ORGANIZADORES



CO-ORGANIZADORES



CO-FINANCIADORES





ENCICLOPÉDIA
DOS
MIGRANTES

www.encyclopedia-dos-migrantes.eu